



**LISANDRA CARINA
FREITAS SOUSA**

EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE
Conceções de alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico



**LISANDRA CARINA
FREITAS SOUSA**

EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE
Conceções de alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Celina Cardoso Tenreiro Vieira, Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que contribuíram ao seu desenvolvimento e conclusão.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Reino da Infância, *In Folhas Soltas* (Medeiros, 2012, p.75)

o júri

Presidente

Doutora Ana Raquel Gomes São Marcos Simões

Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

Vogais

Doutor(a) Susana Alexandre dos Reis

Assistente, Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Doutora Maria Celina Cardoso Tenreiro Vieira

Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

(Orientadora)

agradecimentos

Agradeço a todos os docentes que me acompanharam durante a licenciatura e mestrado, pelos seus ensinamentos, aos quais contribuíram para o meu desenvolvimento enquanto aluna e futura profissional.

Agradeço em especial à Doutora Maria Celina Cardoso Tenreiro Vieira pela disponibilidade demonstrada em orientar este relatório final e pela oportunidade de trabalhar ao lado de alguém com tamanho conhecimento científico e capacidade de reflexão. Agradeço também toda a orientação prestada, sempre, de forma hábil e sagaz durante este percurso investigativo.

Agradeço à minha grande amiga Catarina Dias Raimundo, pela força, motivação e ajuda dedicada em certas fases deste relatório.

Agradeço ao Professor Carlos Cruz, docente titular da turma do 2.º ano, da Escola da Glória, pela disponibilidade e acessibilidade demonstrada em todos os momentos.

Agradeço à Professora Doutora Luísa Álvares Pereira, Professora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro, pelos ensinamentos prestados ao longo do 1.º ano de Mestrado e também pelas palavras de incentivo e compreensão, em determinados momentos, por si proferidas.

Por fim, sem querer esquecer alguém, agradeço a realização deste trabalho a todos aqueles que positivamente contribuíram para o seu efeito.

palavras-chave

Educação Sexual; Sexualidade; Concepções de alunos do 1.º Ciclo sobre Educação Sexual e Sexualidade.

resumo

A presente investigação procurou responder à seguinte questão de investigação: “Que concepções evidenciam alunos do 1.º Ciclo sobre Educação Sexual e Sexualidade?”.

A metodologia adotada enquadra-se numa abordagem de natureza qualitativa e num *design* de estudo de caso.

A recolha de dados teve como instrumento um inquérito por questionário, constituído por cinco partes. As primeiras incluíam questões para recolher informação para caracterizar os sujeitos envolvidos no estudo. As restantes incluíam questões tendentes a fazer o levantamento das concepções dos alunos sobre educação sexual e sexualidade.

Os resultados obtidos dão conta que a maior parte destes alunos têm concepções pouco realistas sobre educação sexual e sexualidade. Evidenciam concepções pouco realistas sobre questões de género e identidade sexual. no que diz respeito aos temas da Educação Sexual e Sexualidade.

Tais resultados apontam no sentido da importância de, em um contexto escolar, criar oportunidades para os alunos poderem construir ideias mais realistas sobre educação sexual e sexualidade.

keywords

Sexual Education ; Sexuality; Childrens conceptions about Sexuality Education and Sexuality.

abstract

The present investigation aimed to identify conceptions of children from 2. nd degree, about the concepts of Sexual Education and Sexuality. In this sense we have built the following sentence: "What are the conceptions of students of the 1st round about the concepts of Sexual Education and Sexuality?".

The investigative methodology is part of a qualitative approach, with a design "case study" which was this investigation.

The data were collected through a survey, formulated by five parts, each one of them relative at the opinion and the cultural situation of each child, in order to give other perspective about this subjects.

The results suggest that the most part of the students show some unreal conceptions about the ideas of Sexual Education and Sexuality. The results also demonstrated some difficulty to comprehend questions of gender and sexual identity, factor that prevents them having a vision comprehensive in regard to relations of friendship they construct.

Índice

Índice de Ilustrações	iii
Índice de Quadros	iii
Índice de Gráficos	v
Glossário de siglas e abreviaturas	vii
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	1
1.1. Contextualização da Investigação.....	1
1.2. Motivação e Pertinência da investigação	3
1.3. Finalidades e Questão de investigação.....	4
CAPITULO II – REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1. Definição dos conceitos de Educação Sexual e Sexualidade.....	5
2.2. Educação Sexual e Sexualidade: conceptualizações e perspetivas.....	7
2.3. A Educação Sexual no contexto educativo português	15
2.4. Concepções dos alunos sobre a Educação Sexual e a Sexualidade	19
CAPITULO III – METODOLOGIA.....	27
3.1. Natureza da investigação	27
3.2. Caracterização da amostra e do contexto educativo.....	29
3.3. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	35
3.4. Análise de dados	41
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	42
4.1. Itens de resposta aberta	42
4.2. Itens de resposta fechada.....	50
4.3. Escala de <i>Likert</i>	53
CAPITULO V – CONCLUSÕES	67
5.1. Resposta à questão de investigação	67

5.2. Limitações da investigação	69
5.3. Sugestões para futuras investigações	71
5.4. Considerações finais.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXOS	82
Inquérito por questionário – Parte I.....	82
Inquérito por questionário – Parte II.....	83
Inquérito por questionário – Parte III.....	84
Inquérito por questionário – Parte IV	85
Inquérito por questionário – Parte V	86

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 - Sistemas do corpo humano.	50
---	----

Índice de Quadros

Quadro 1 - Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, Freud (1976).	9
Quadro 2 - Preferências dos alunos quanto aos hobbies praticados.	32
Quadro 3 - Técnica, Instrumento e Momento de aplicação.	35
Quadro 4 - Objetivos das Partes I e II do questionário.	38
Quadro 5 - Objetivos da Parte III do questionário.	38
Quadro 6 - Objetivos da Parte IV do questionário.	39
Quadro 7 - Objetivos da Parte V do questionário.	40
Quadro 8 - Categorias de resposta para o conceito Educação Sexual.	42
Quadro 9 - Categorias de resposta para o conceito Sexualidade.	43
Quadro 10 - Categorias de resposta para o conceito Igualdade Sexual.	44
Quadro 11 - Categorias de resposta para o conceito Orientação Sexual.	46
Quadro 12 - Categorias de resposta para o conceito Comportamento Sexual. ...	47
Quadro 13 - Categorias de resposta para o conceito Abuso Sexual.	48
Quadro 14 - Categorias de resposta: "O Miguel é casado com o Luís."	53
Quadro 15 - Categorias de resposta: "A Mariana namora com a Joana."	54
Quadro 16 - Categorias de resposta: "A Marta namora com o João."	56
Quadro 17 - Dialogo sobre a Sexualidade.	57
Quadro 18 - Categorias de resposta: "Conversar com os teus pais sobre sexualidade."	58
Quadro 19 - Categorias de resposta: "Conversar com os teus colegas sobre sexualidade."	59

Quadro 20 - Categorias de resposta: "Conversar com o teu professor sobre sexualidade."	60
Quadro 21 - Atividades associadas ao género.....	61
Quadro 22 - Categorias de resposta: "A Cláudia gosta muito de brincar com carros de corrida, já o Samuel prefere brincar às bonecas."	62
Quadro 23 - Concepções associadas ao género.	63

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Dimensões da Educação Sexual, ITGSE.	12
Gráfico 2 - Obstáculos na aprendizagem, Clément (2003).....	21
Gráfico 3 - Idade dos elementos da turma.	29
Gráfico 4 - Concepções dos alunos acerca do meio escolar e resultados obtidos. 30	
Gráfico 5 - Zona habitacional.	31
Gráfico 6 - Número de espaços das habitações.....	32
Gráfico 7 – Conceito Educação Sexual.....	43
Gráfico 8 - Conceito Sexualidade.....	44
Gráfico 9 - Conceito Igualdade Sexual.....	45
Gráfico 10 - Conceito Orientação Sexual.	46
Gráfico 11 - Conceito comportamento Sexual.....	48
Gráfico 12 - Conceito Abuso Sexual.	49
Gráfico 13 - Sistemas do corpo humano.	51
Gráfico 14 - Associação aos vários sistemas.	52
Gráfico 15 - O Miguel é casado com o Luís.	54
Gráfico 16 - "A Mariana namora com a Joana.".....	55
Gráfico 17 - A Marta namora com o João.....	56
Gráfico 18 - "Conversar com os teus pais sobre a sexualidade.	58
Gráfico 19 - "Conversar com os teus colegas sobre sexualidade."	59
Gráfico 20 - "Conversar com o teu professor sobre sexualidade."	60
Gráfico 21 - "A Cláudia gosta muito de brincar com carros de corrida, já o Samuel prefere brincar às bonecas."	62
Gráfico 22 – "O XPTO está apaixonado por alguém do mesmo sexo que o seu.".	63
Gráfico 23 - O XPTO está apaixonado por alguém do sexo oposto ao seu."	64

Gráfico 24 - Atributos Sexualidade.....	65
---	----

Glossário de siglas e abreviaturas

ITGSE – International Technical Guidance on Sexuality Education

ME – Ministério da Educação

MS – Ministério da Saúde

DST – Doenças Sexualmente Transmissível

ES – Educação Sexual

IVAM – Investigação, Visão, Ação e Mudança

OMS – Organização Mundial de Saúde

GTES – Grupo de Trabalho sobre Educação Sexual

PNL – Programação Neuro Linguística

EB – Educação Básica

SIDA – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

O presente capítulo é constituído por três pontos. No primeiro ponto (1.1.), apresenta-se a contextualização do estudo. No segundo ponto (1.2.) destacam-se a motivação e a pertinência da investigação. Por fim, no terceiro ponto (1.3), é focada a finalidade e enunciada a questão de investigação.

1.1. Contextualização da Investigação

Esta investigação caracteriza-se como um relatório de estágio que foi realizado dentro da especialidade do Mestrado em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico e define-se, de acordo com o artigo 9.º do Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro, como sendo uma componente de iniciação à prática profissional das unidades curriculares de Prática Pedagógica Supervisionada B1 e B2, integrantes do plano de estudos deste mestrado.

O Seminário de Investigação Educacional é constituído por duas unidades curriculares desenvolvidas em dois semestres, Seminário de Investigação Educacional B1 e Seminário de Investigação Educacional B2. Estas unidades têm como objetivo o crescimento das competências de intervenção direcionadas para a investigação-ação e a colaboração, de **competências assentes na reflexão**, na sistematização e na comunicação.

De acordo com os objetivos descritos no parágrafo anterior, aquele que mais evidencia a minha vontade por trabalhar um tema ligado com a Sexualidade prende-se com a capacidade de **refletir** acerca deste assunto em específico, seja ele mais ou menos importante à visão de terceiros. O fundamental aqui, para mim, é compreender as seguintes questões: O quê? Porquê; Como? Assim, a partir destas questões nasce a vontade de trabalhar sobre um tema polémico, que se divide ainda em muitas opiniões.

Abordar um tema como a sexualidade é muito mais do que ensinar a simples descrição fisiológica dos órgãos genitais e dos mecanismos de reprodução, despidido de todo o contexto racional e intrínseco à condição humana. Assim sendo, torna-se urgente entender a sexualidade humana no conjunto das suas múltiplas

dimensões, que se estendem desde a dimensão biológica, à psicológica, à social, à ética e até mesmo à dimensão jurídica (UNESCO, 2009).

Lejeune (1980) considera a escola e a sexualidade como dois universos de múltiplas interferências, sendo que nestes dois mundos a única questão comum a eles é o facto da dificuldade de pais e escola em se situarem numa sociedade em constante mudança, e por este facto, segundo o mesmo autor, admitir-se a impossibilidade de se ver abordados temas como o sexo, a sexualidade e a educação sexual.

O mesmo autor refere ainda o seguinte: “*A Escola e a sexualidade: uma equação impossível*” (Lejeune, 1980, p.11).

A ideia de incluir nos programas escolares algumas noções sobre sexualidade humana não é recente (Lejeune, 1980), porém apesar da grande vontade dos educadores, esta ideia chocava constantemente com a concepção de uma escola-campo intelectual, pois pensava-se que o estudo deste assunto remetia para a falta de valores, como a dignidade, logo nem se dava abertura para que a vontade dos educadores fosse mais além.

1.2. Motivação e Pertinência da investigação

Desde sempre a Educação é uma área que me desperta fascínio e curiosidade no modo como atua, tendo em conta a sociedade onde nos inserimos, pois é a partir dela o caminho para a evolução.

A Educação Sexual, conseqüentemente, trata-se de um tema, muitas vezes, gerador de controvérsias na forma como é abordada ou simplesmente por tentar ser parte, como componente obrigatória, do ensino universal (Lejeune, 1980).

A grande motivação para realizar um estudo ligado ao tema Educação Sexual e Sexualidade prende-se com a tentativa de conhecer e compreender as concepções que as crianças/alunos têm sobre este assunto. Fazê-lo poderá constituir uma relevante planificação da ação do professor na sala de aula e na escola em torno de fomentar a (re)construção das ideias dos alunos. Deste modo poder-se-á contribuir para a formação de crianças e conseqüentemente cidadãos esclarecidos, com total liberdade para realizar as suas escolhas da forma mais acertada possível.

Um outro fator que releva este tipo de estudo é o facto de este poder ser de interesse para formandos e formadores que estudem as questões da Sexualidade.

1.3. Finalidades e Questão de investigação

Para Berge *et al.* (1970) a questão da Educação Sexual bem como a Sexualidade é considerada uma das mais penosas aos olhos da pedagogia e, de facto sobre nenhum outro assunto se especulam tantas concepções erradas e deturpadas da realidade.

Contudo, os mesmos autores defendem que estas questões não são impossíveis ou até complexas de compreensão para a realidade humana caso sejam abordadas como uma em tantas outras áreas do saber e não de modo isolado como habitualmente são tratadas (Berge *et al.* 1970).

Para tal é necessário, antes de mais, clarificar o objetivo a atingir, perceber o porquê e visualizar o foco a seguir, deste modo facilmente no seio dos agentes de aprendizagem sexual (família, escola, pares, media e comunidade) este assunto é encarado com a seriedade que requer e com a justa constatação do que representa.

O presente estudo foi desenvolvido com a finalidade de conhecer as ideias destes alunos sobre educação sexual e sexualidade. Assim sendo formulou-se a seguinte questão: “Que concepções evidenciam alunos do 1.º Ciclo sobre educação sexual e sexualidade?”.

CAPITULO II – REVISÃO DE LITERATURA

No presente capítulo apresenta-se a revisão de literatura acerca das concepções e perspectivas dos alunos relativamente à Educação Sexual e à Sexualidade.

Este capítulo é constituído por quatro pontos. O primeiro (2.1.), identifica e descreve os conceitos de Educação Sexual e Sexualidade. O segundo (2.2.) dá-nos conta das conceptualizações e perspectivas aliadas a este assunto. O ponto (2.3.) informa-nos acerca da Educação Sexual no contexto específico português. Por fim, o ponto (2.4.) remete-nos para as concepções dos alunos sobre os conceitos de Educação Sexual e Sexualidade, por via de alguns estudos realizados no contexto educativo português.

2.1. Definição dos conceitos de Educação Sexual e Sexualidade

A definição das questões em estudo, nomeadamente os conceitos de Educação Sexual e Sexualidade, são assuntos dos quais falsamente se problematizam quando, por exemplo a mãe que responde ao filho desejoso de saber como deu à luz a irmãzinha: “Não sei...na clínica adormeceram-me e não consegui ver nada do que se passava...Tenho de lhes perguntar” (Berge, 1793, p. 22).

Berge (1793) admite que recusar-se a responder uma questão de um filho acerca deste assunto pressupõe um grande mistério em torno da questão sexual que, a partir desta resposta, pode ser facilmente confundido como se de algo terrível se tratasse.

Para o mesmo autor não se coloca o perguntar como conveniente ou não, enfatiza-se sim que a informação chegue a todas as crianças. Trata-se de saber que a Educação Sexual, tal como todas as outras áreas da Educação, deve assentar nos princípios da verdade e da lealdade (Berge, 1973).

Para Berge (1793) a Educação Sexual é desde cedo manifestada por um conhecimento inconsciente que a criança traz e assume assim que nasce.

Com isto afirma-se que a Sexualidade, ainda que não seja atribuída ao indivíduo na sua forma total, no momento em que este nasce, é intrínseca ao ser humano

desde o seu nascimento e se desenvolve e amadurece a partir do conhecimento inconsciente que este detém.

Conclui-se assim, de acordo com Berge (1793), que a criança sabe virtualmente tudo, mas como pertence à espécie humana, aspira a um conhecimento real.

Para Berge (1793), a Educação não consiste em guiar incessantemente a criança, a quem se pediria apenas docilidade, consiste sim em fazer dela um ser racional e autónomo, sendo que deturpar a verdade acerca das questões de carácter sexual faz das crianças seres cognitivamente incapazes de compreender as noções da sua própria existência.

De acordo com Haffner (2005) citando Anastácio & Fernandes (2010) “Sexualidade tem que ver com quem nós somos como homens ou mulheres, não com o que fazemos com uma parte dos nossos corpos”.

Como concluem Marinho & Anastácio (2013) em um dos seus estudos Concepções sobre Sexualidade e Educação Sexual – Diferenças de Género no Ensino no 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico, existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas nomeadamente na perceção sobre o papel da Educação Sexual no desenvolvimento das crianças e jovens e sobre quem gostariam que se responsabilizasse pela sua Educação Sexual.

Esta conclusão obteve-se através de um projeto de investigação-ação, que tinha como finalidade identificar as necessidades dos professores e alunos do ensino básico sobre a Sexualidade humana e a Educação Sexual e, a partir destas desenvolver competências para a vivência de uma sexualidade saudável, por parte dos jovens alunos.

Como instrumento de recolha de dados, as autoras desenvolveram um questionário que se aplicou aos alunos do 2.º e do 3.º CEB, num Agrupamento de Escolas do Porto.

2.2. Educação Sexual e Sexualidade: conceptualizações e perspetivas

De acordo com Haffner, (2005, p. 20), “Sexualidade é muito mais do que sexo”. Tal como refere o autor, este assunto deve ser compreendido, por via da educação, tendo em conta uma perspetiva muito mais abrangente, priorizando uma cultura de compreensão mútua, e não o abordar como se apenas de fatores anatómicos e biológicos se tratasse.

O termo Sexualidade leva-nos a um amplo campo de opiniões, no qual todas as definições ou ideias têm um carácter relativo e até paradoxal, dada a contrariedade com que tal é vivido e experienciado por cada um de nós. Para muitos, tal conceito determina a busca pelo prazer e a descoberta das sensações obtidas através do contacto íntimo com os demais, a fim de satisfazerem as suas atrações.

A Sexualidade, sendo uma parte fundamental à vida, que se traduz pelas práticas referentes aos sentimentos, afetos e ao exercício da liberdade do indivíduo com a sua saúde.

Segundo Ramiro (2013) esta não se liga diretamente com aquilo que os indivíduos fazem, mas sim com aquilo que os indivíduos são pelo contrário o conceito de Educação Sexual envolve várias compreensões, desde o nível afetivo, até o nível comportamental.

Por outro lado, o mesmo termo remete erroneamente ao “sexo” propriamente dito é, portanto, importante salientar que um não necessita vir acompanhado do outro, são questões independentes, que podem ser complementares uma à outra, caso os indivíduos envolvidos decidam transformar e aliar o seu momento puramente físico com a partilha de emoções, sensações e a necessidade de admiração do corpo de cada um dos intervenientes.

Em consonância com Haffner (2005), Berge (1973) já havia considerado a Sexualidade como um campo mais amplo e mais rico do que as concepções generalistas erroneamente ligadas ao termo.

Por exemplo, o facto de imediatamente associarmos os órgãos genitais à Sexualidade, quando estes isolados têm funções distintas e só quando se encontram em comunhão é que têm aspetos ligados com a Sexualidade, realizam o ato sexual e nem assim são a única forma de reprodução, tomemos-lhes apenas como aspetos da Sexualidade (Berge, 1973).

“A sexualidade é o conjunto das características que distinguem, nos aspetos físico e moral, um indivíduo dum sexo dum indivíduo doutro sexo.”
Educação Sexual na Escola, In Universidade Aberta, (Vaz, 1996, p.22)

Assim sendo, educar para a Sexualidade é transmitir aos jovens, por via da educação, o conhecimento sobre o mundo que o rodeia e também informá-los acerca de um mundo mais privado, onde a intimidade tem um papel inerente à descoberta, para que sejam capazes de dar espaço a outras dimensões, normalmente desprezadas quotidianamente, como é o caso dos sentimentos, das emoções e das expressões do próprio corpo.

Para que tal seja conseguido é necessário colocar ambos os conceitos, sexo e Sexualidade, em pé de igualdade, pois ainda que se trate de conceitos independentes, só é possível educar neste sentido, caso tais conceitos sejam compreendidos como indispensáveis para a formação dos intervenientes.

Na teoria Freudiana, o ser humano possui uma fonte de energia distinta para cada um dos seus instintos, assim sendo apoiado por Bearzoti (1994), citando Freud (1976), a Sexualidade aporta a seguinte ideia:

“sexualidade é energia vital ins tinativa direcionada para o prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada à **homeostase**, à **afetividade**, às **relações sociais**, às fases do desenvolvimento da libido infantil, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação”

A Sexualidade é apresentada ao ser humano, através de várias fases ao longo de todo o seu ciclo. Assim defende Freud (1976), que em uma das suas obras: “A teoria do desenvolvimento psicossocial” expõe cinco fases do desenvolvimento sexual (Quadro n. °1).

Estádios de desenvolvimento - Freud				
Estádio	Idade	Zona Erógena	Conflito	Consequências
Estádio Oral	0-18 meses	Boca	Desmame	Dependência, agressividade verbal, gosto pela discussão e tendência exagerada pela satisfação oral
Estádio Anal	18 meses – 3 anos	Ânus	Aprendizagem do controlo da defecação	Tendência para a crueldade, violência e rebeldia
Estádio Fálico	3 – 6 anos	Órgãos genitais	Complexo de Édipo e Electra	Personalidade bipolar e falta de maturidade no plano afetivo
Estádio de Latência	6 – 11 anos	Centra-se no mundo físico e social e não no seu corpo	Não existe nenhum conflito	Não há fixação alguma
Estádio Genital	Após a puberdade	Órgãos genitais	Preocupação com o bem-estar sexual da pessoa amada	Capacidade de amar e cuidar e ultrapassagem da sexualidade autoerótica

Quadro 1 - Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, Freud (1976).

Este campo é considerado por Haffner (2005), como uma área do desenvolvimento humano, que concilia questões ligadas com os sentimentos, valores, atitudes e comportamentos, com as características de carácter e, enfim, a genitalidade, associada, então, à dimensão física, biológica e reprodutora.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), (2001), a Sexualidade é:

“Uma energia que nos motiva a procurar Amor, contacto, ternura, intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, movemos tocamos e somos tocados; É ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções, e por isso influencia também a nossa Saúde física e mental.” (OMS, 2001)

Por outro lado, Dias (2002) defende que a sexualidade envolve aspetos ao nível dos sentidos e das sensações prazerosas que despertam nos indivíduos. Estas sensações encontram-se diretamente ligadas com ao sistema nervoso central, em que todos os órgãos dos sentidos, onde haja terminação nervosa são responsáveis por transferir sensações eróticas ao ser humano. Por outro lado, o autor defende também que a sexualidade humana envolve outros aspetos ao nível da ética e da espiritualidade, em que os sujeitos envolvidos num projeto de vida a dois autoconhecem-se, através de um processo de auto e hétero aceitação.

“A Sexualidade Humana integra componentes sensoriais e emotivo-afetivos, cognitivos e evolutivos, sociais, éticos e espirituais, adquirindo sentido no contexto de um projeto vida que promova o conhecimento e a aceitação de si próprio e o conhecimento e aceitação do outro” (Dias, 2002, p.27).

Por Educação Sexual, constituinte que valoriza e trata os aspetos informativos deste processo, subjaz a ideia da Sexualidade humana, que apesar de complementar, é um conceito completamente distinto de sexo.

De modo a desmistificar e compreender o verdadeiro sentido de Educação Sexual é importante estabelecer um vínculo entre o conceito, na sua generalidade, e a dimensão tal como é tratada em ambiente escolar.

Assim sendo, e de acordo com a ausência de uma disciplina capaz de dar resposta às questões e concepções dos alunos, podemos afirmar que esta máxima ocupa dois espaços:

- Um deles capaz de se dedicar ao conhecimento do mundo que rodeia qualquer indivíduo, informando-o acerca das descobertas não só do corpo, como também das sensações que são provocadas pelos estímulos sexuais
- Outro, um campo referente à forma como este é tratado em ambiente escolar, sendo que os professores na sua generalidade, não estão preparados para dar respostas científicas acerca deste assunto, nem tão pouco fazer com que os jovens aprofundem mais sobre o assunto de acordo com os sentimentos e emoções expressos através da Sexualidade.

Segundo Vilaça (2006), citando Sánches (1990) a Educação Sexual surgiu no século XX, como consequência do aparecimento da democracia e na sequência dos movimentos de industrialização que originaram a mobilização dos aglomerados populacionais para as áreas urbanas, com o objetivo de evitar os riscos associados à prática sexual.

Assim sendo, o autor elaborou Modelos de Educação Sexual, que permitem conhecer a origem das problemáticas de saúde sexual, como por exemplo os comportamentos de risco associados a uma prática sexual desprotegida e, posteriormente a sua fundamentação, bem como as autoridades referenciadas para tal situação.

De acordo com a International Technical Guidance on Sexuality Education (ITGSE) – Nações Unidas – UNESCO, a Educação Sexual é importante pelo impacto cultural que provoca nas sociedades e pelo impacto provocado ao nível dos valores morais dos indivíduos, em especial nos mais jovens, que dentro das suas próprias concepções relativamente ao assunto, gerem as suas relações com a família, escola, restantes pessoas e comunidade.

Educar para a Sexualidade é, portanto, um contributo importante para a formação da identidade do indivíduo. Neste sentido, a informação é um recurso

valiosíssimo para o equilíbrio físico e psicológico de cada um dos sujeitos envolvidos.

Sendo este um contributo importante para a construção da identidade do indivíduo é claramente necessário ter em conta as várias etapas do desenvolvimento sexual, assim sendo de acordo com Gomes *et al.*, (2000, p. 21) é importante referir-se às diferenças entre a sexualidade infantil e a sexualidade de pré-adolescente, bem como aos diferentes ritmos de desenvolvimento sexual que marcam a vida de um indivíduo.

O ITGSE remete também a Educação Sexual como dimensão integrante dos vários quadros abaixo descritos, sendo que todas estas grandezas devem ser vistas como um todo, que se completa a partir da fusão de todas estas dimensões:



Gráfico 1 - Dimensões da Educação Sexual, ITGSE.

1. referente ao corpo e às suas transformações ao longo da vida.
2. relativo às emoções, sentimentos, afetos e atitudes.
3. Diz respeito ao transcendente, como por exemplo o sentido da vida, morte e existência física humana,
4. Concerne às relações socioculturais,
5. Inerentes à cultura, às normas e leis aplicadas em cada sociedade.

Por outro lado, e ainda que o conceito de Educação Sexual não se enquadre no Programa do 1.º CEB, o Ministério da Educação (2001) considera esta área educativa como relevante para o desenvolvimento das capacidades de aprendizagem dos alunos, na medida em que apela a uma maior consciencialização e aprendizagem por parte dos mesmos.

“A Educação Sexual é um processo contínuo de aprendizagem, em que toda a comunidade (educativa) é interveniente e que se realiza através de um conjunto de ações intencionais e estruturadas, que dizem respeito a processos de aprendizagem sistemáticos, desenvolvidos por profissionais, preferencialmente em contexto escolar, apelando a consciencialização da aprendizagem” (*Ministério da Educação, 2001*).

A abordagem deste tema num contexto escolar, conjuntamente com o conceito de Sexualidade assumem assim um carácter transdisciplinar, vulgarmente designados e englobados no conceito de ‘Educação Sexual’, pelos mais diversos agentes (técnicos, comunidade, comunicação social, etc.).

Por esta razão é necessário clarificar cada um destes domínios para que as interpretações relativamente a cada um deles não se misturem e deem aso a conceções erradas por parte de todos aqueles que formalmente a utilizam.

Por Educação Sexual entendemos o processo que visa esclarecer e alertar os jovens a respeito da responsabilidade de cada um quando estes decidem entregar seu corpo a alguém.

O tema ainda envolve mitos, tabus e constrangimentos para pais e professores e por essa razão tem sido abordada a partir de projetos ou atividades meramente informativas, incidindo por temas relacionados com a anatomia, fisiologia, fecundação, gravidez, contraceção e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

De acordo com Furlani (2011, p. 37 citado por PIRES, (2013), p. 74) a Educação Sexual é constituída com o objetivo de:

[...] demonstrar como a produção da normalidade é intencional, histórica, política e, sendo assim, instável, contingencial, questionável e mutável [...]; problematizar as redes de poder e os interesses que definem as representações negativas, inferiores e propositadamente excluídas dos currículos acerca de gênero, sexualidade, das raças e etnias (FURLANI, 2011, p. 37).

De acordo com Frade *et al.*, (2010); Marques, Vilar e Forreta, (2002); Anastácio, *et al.* (2005) só é possível estabelecer uma ligação plena e uma interpretação correta deste conceito se aliarmos todas as formas de expressão sexual (biológicas e relacionais), deste modo será possível uma vivência positiva e plena da Sexualidade, tendo em conta as formas de expressão sexual referentes à componente biológica e relacional do ser humano.

De acordo com estes autores mencionados anteriormente, o indivíduo constrói os saberes relativos à sua Sexualidade a partir de um processo de **formação sexual informal**.

Segundo Marola, *et al.* (2011, citado por GARCIA, (2009), s.p.) o processo de **formação sexual informal** caracteriza-se pela ausência de qualquer planeamento formal e institucional, no qual os sujeitos não têm a perceção do seu envolvimento numa prática educativa formalizada, na qual não existe a intenção de educar.

De acordo com Frade *et al.*, (2001); Marques, *et al.* (2002); Anastácio, *et al.* (2005) os saberes inerentes com a Sexualidade ocorrem de modo natural, espontâneo e informal, sem que para isso estejam envolvidos conhecimentos educativos, como por exemplo o tratamento deste tema em ambiente formal, em contexto escolar.

Ao longo da formação educativa e não só, os indivíduos têm então a oportunidade de esclarecer eventuais dúvidas de aprendizagem através do processo de **educação sexual formal**, que se caracteriza, segundo Marola, *et al.*

(2011, citado por BRANDÃO, (1998), s.p.), pela estrutura organizativa que a instituição tem em relação ao seu material pedagógico e também em relação à formação dos educadores, com o objetivo que todos os envolvidos sejam contemplados com conteúdos significativos.

As experiências científicas produzidas por John C. Lilly, neurocientista, psicanalista, escritor, psiconauta e filósofo, conhecido também como o pai da Programação Neuro Linguística (PNL), levaram, na década de 50, do século passado, a descobertas surpreendentes da sexualidade humana.

Uma das descobertas mais atordoantes do cientista ocorreu testando o cérebro de um primata. Este é fragmentado e, portanto, ligado ao sistema nervoso central, com isto, facilmente conclui-se que as formas de expressão sexual não biológicas ou relacionais, nomeadamente os afetos, os comportamentos, os estímulos do foro neural são aliados de uma expressão sexual biológica, assim sendo só poderá existir sexualidade plena e prazerosa quando ambas estiverem relacionadas.

É a partir dos estímulos neurais, como é o caso dos afetos que é-nos permitido viver o 'tempo' de uma forma consistente e com significado com aqueles que nos rodeiam e com quem estabelecemos relações. É neste tempo que a sexualidade vai-se desenvolver por todas as suas fases, até que um novo ciclo recomece.

2.3. A Educação Sexual no contexto educativo português

No caso do contexto educativo Português, as orientações do Ministério da Educação (ME) & Ministério da Saúde (MS) (2000), e os autores Matos & Simões (2010), Vilar & Ferreira (2009) definem a Educação Sexual como uma *“abordagem formal, estruturada, intencional e adequada de um conjunto de questões relacionadas com a sexualidade humana”*.

A Educação Sexual viu a sua primeira lei aprovada no ano 1984, pela necessidade e direito verificados de acordo das crianças, jovens e famílias, contudo nunca foi regulamentada. Esta lei (Lei n.º 3/84 - Direito à Educação Sexual e ao Planeamento Familiar) define o papel do Estado como certifica o direito de Educação Sexual e recomenda a inclusão dos conhecimentos científicos sobre

anatomia, fisiologia, genética e sexualidades humanas, adequados aos diferentes níveis de ensino.

A referida lei (Lei n.º 3/84 – Direito à Educação Sexual e de acesso ao Planeamento Familiar) estabelece os dois pontos seguintes:

1. “O Estado garante o direito à educação sexual, como componente do direito fundamental à educação”;
2. “Incumbe ao Estado, para proteção da família, promover, pelos meios necessários, a divulgação dos métodos de planeamento familiar e organizar as estruturas jurídicas e técnicas que permitiam o exercício de uma maternidade e paternidade conscientes” (Diário da Republica, 1984, s.p.).

Em 1986, a Lei de Bases do Sistema Educativo coloca a Educação Sexual numa nova área – Formação Pessoal e Social, promovendo assim o conhecimento transversal e o direito à Educação Sexual a todos os indivíduos.

A lei n.º 120/99, de 11 de agosto (DR n.º 186 - I Série - A) vem reforçar as garantias do Direito à Saúde Reprodutiva. Esta lei vem estabelecer a obrigatoriedade da abordagem da promoção da saúde sexual e sexualidade humana, na organização curricular do ensino básico e secundário.

Este programa trata das questões relacionadas com a Sexualidade humana, o aparelho reprodutivo, a fisiologia, a sida e outras DST's. Mais se informa que esta lei pretende adequar-se aos diferentes níveis de ensino, tendo em conta os diferentes níveis etários e especificidades biológicas, psicológicas e sociais.

De acordo com a Direção-Geral da Saúde e nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 2.º do Decreto Regulamentar n.º 66/2007, de 29 de maio, na redação dada pelo Decreto Regulamentar n.º 21/2008, de 2 de Dezembro, foi emitida a seguinte Orientação:

“A educação para a saúde constitui uma das principais estratégias de desenvolvimento da promoção da saúde em contexto escolar, exigindo uma responsabilidade partilhada e um trabalho de parceria entre toda a comunidade educativa.” (DIREÇÃO-GERAL DA SAÚDE, 2010, p.1).

A Lei n.º 60/2009, de 6 de agosto, veio estabelecer o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar.

Nos termos do artigo 6.º, previsto no Diário da República, *1.ª série — N.º 151 — 6 de agosto de 2009, aplica-se o seguinte*: “... a educação sexual é objecto de inclusão obrigatória nos projectos educativos dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas ...” e da alínea 1 do artigo 9.º “... a educação para a saúde e a educação sexual deve ter o acompanhamento dos profissionais de saúde das unidades de saúde ...”.

De acordo com a Direção-Geral da Saúde (2010), segundo portaria n.º 196-A/2010, de 9 de abril, na alínea 2 do artigo 9.º refere que “... a educação para a saúde e a educação sexual é apoiada ao nível local pela unidade de saúde pública competente no âmbito da actividade de saúde escolar ...”.

De 2005 a 2007, o Grupo de Trabalho sobre a Educação Sexual (GTES), desenvolveu um quadro clarificador e orientador da Educação Sexual na escola, estendendo-o à promoção da saúde. Um ano depois, de 2006 a 2007, o Despacho 15987/2006 estabeleceu novas orientações que tornam mais clara a integração da Educação Sexual nas escolas, com a finalidade de uma maior integração de saberes, bem como o desenvolvimento de competências capazes de favorecer o equilíbrio e o bem-estar das crianças e jovens adolescentes, para que possam fazer escolhas mais conscientes, informadas e adequadas à sua saúde.

Este despacho engloba quatro áreas de trabalho prioritárias, integrantes do Projeto de Educação para a saúde, que todas as escolas deverão implementar no seu currículo e, que será coordenado por um professor destinado a esse efeito.

“a) Sempre tendo em conta a especificidade de cada ambiente escolar, recomenda-se que os projetos integrem quatro áreas fundamentais: Alimentação e Atividade-Física; Consumo de substâncias psico-ativas, tabaco, álcool e drogas; Sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis, com relevância para a prevenção da SIDA; Violência em meio escolar/Saúde Mental.”

(GTES, 2007, p.4).

De acordo com o Relatório Preliminar, de 31 de outubro de 2005, o GTES elaborou uma série de propostas para a avaliação da situação da Educação Sexual nas escolas Portuguesas. De entre as dez propostas para análise destaca-se em todas elas a necessidade de uma nova dinâmica curricular incluindo a Educação Sexual nos currículos educativos Portugueses, sendo que esta temática deve mesmo ser considerada pelo Ministério da Educação como o sistema educacional.

“b) A Educação para a Saúde deve ser considerada obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino e integrar o Projeto Educativo da escola. Sempre tendo em conta a especificidade de cada ambiente escolar, recomenda-se que os projetos integrem quatro áreas fundamentais: Alimentação e Atividade-Física; Consumo de substâncias psico-ativas, tabaco, álcool e drogas; Sexualidade e infeções sexualmente transmissíveis, com relevância para a prevenção da SIDA; Violência em meio escolar/Saúde Mental.” (GTES, 2007, p.4).

Releva-se também a importância das organizações não-governamentais que atuam nesta área, sendo que este projeto visa a possibilidade de participação destas entidades em concursos públicos para a escolha de projetos específicos, organizados pelos Ministérios da Educação e Saúde.

De acordo com Duarte Vilar, Presidente da Associação para o Planeamento da Família, a educação sexual e reprodutiva, ainda que não se encontre ao nível dos restantes e muitos países europeus tem vindo a registar melhorias significativas nos seus indicadores, não obstante Portugal é ainda uma das principais preocupações no âmbito das políticas educativas e de saúde pública na União Europeia.

Um estudo realizado por Reis & Vilar (2004), com 600 professores do 2.º e 3.º CEB, afirmam que estes demonstram abertura e comodidade para abordar este assunto com os alunos, contudo poucos demonstram predisposição para desenvolver ações no âmbito da educação sexual, nas suas escolas. Tal facto revela a pouca motivação que os professores têm para abordar um assunto tão importante como é o de educar/formar para a sexualidade.

Em 2012, foram extintas as áreas curriculares não disciplinares, como a Formação Cívica e Estudo Acompanhado, o que constitui uma barreira à implementação da Educação Sexual, mas também às componentes do programa de Educação para a Saúde. Contudo, em algumas instituições tem-se dado continuidade a esta área, através de projetos de Educação para a Saúde, gabinetes de educação para a saúde e professores coordenadores de Educação para a Saúde. Os projetos e atividades na maioria das vezes são realizados e integrados nos horários letivos, bem como nas atividades extracurriculares.

2.4. Concepções dos alunos sobre a Educação Sexual e a Sexualidade

Sendo que todas as atuações na área da Educação Sexual têm como pressuposto o desenvolvimento e a consciencialização profunda por parte dos alunos é impossível que a abordagem referente a esta área, bem como ao conceito de Sexualidade sejam realizadas sem que antes sejam identificadas concepções dos alunos acerca das temáticas em estudo.

Souza (2011), citando Vigotsky (1939) *“nenhum conhecimento provém do zero”*, este é sempre auxiliado e baseado em outras noções, em outras perspetivas que se agregam a uma realidade inicial para que possam ser desenvolvidas e projetadas a um foco comum a ambas.

Para o autor, a aprendizagem da criança antecede a entrada na escola, a aprendizagem acontece em todo o lugar, assim sendo, no caso do estudo dos conceitos de Educação Sexual e Sexualidade é importante que mesmo estes conceitos se perspetivem a partir das realidades vividas pelos alunos, seja pela descoberta do próprio corpo ou pela relação que estabelecem com os demais.

Estas noções são reforçadas por vários autores, como por exemplo Piaget (2000) e Anastácio (2007) que afirmam e defendem que o processo de ensino aprendizagem só pode ser levado a cabo, se olharmos para os alunos como seres detentores de conhecimento.

Assim sendo é necessário orientar os alunos para que sejam capazes de ter uma visão mais abrangente acerca dos assuntos relacionados com a Sexualidade,

de modo a não perpetuarem noções predefinidas e redutoras da realidade. Como corolário a estas noções predefinidas e redutoras tem-se, como um dos exemplos, o pressuposto de que a mulher desempenha um papel passivo, de quase inatividade relativamente ao homem.

Os autores defendem que só assim será possível formar indivíduos responsáveis, prevenidos e conscientes das suas possibilidades dentro deste assunto.

Driver (1989), tal como Vigotsky (1939), defendem que as aprendizagens apreendidas pelos alunos, ao surgirem pela predisposição natural e biológica do ser humano para o pensamento, facilitam o seu entendimento às questões de carácter sexual, pois são orientadas dentro de um modelo muito próprio e lógico de pensamento, desta forma novas aceções são vistas pelas crianças como úteis e significativas, pois têm uma lógica de funcionamento interna.

Por outro lado, Clément (2003) enuncia a existência de três grandes obstáculos da aprendizagem que podem implicar negativamente o processo de ensino aprendizagem do aluno, tal como se pode ver no gráfico abaixo indicado.

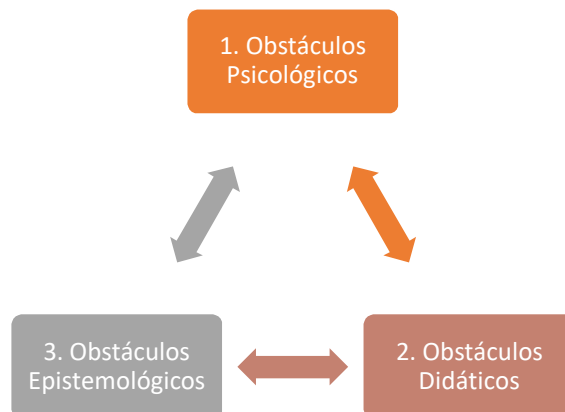


Gráfico 2 - Obstáculos na aprendizagem, Clément (2003).

1. Estão ligados com problemas de ordem pessoal dos indivíduos;
2. Decorrem das concepções apreendidas em contextos didáticos formalizados;
3. Correspondem a concepções apreendidas ao longo do ciclo de vida do jovem, e que dificilmente encontram abertura para dar lugar a interpretações científicas.

Um estudo realizado por Byers *et al.* (2003), utilizando como instrumento questionários de autorrelato acerca da educação sexual, aplicado a 671 alunos do ensino básico e secundário revela que quase 100% da amostra em estudo está consciencializada para a importância da Educação Sexual. Correia (2008) concluiu também, em um dos seus estudos, que os alunos, desta vez adolescentes, sentem necessidade da integração desta disciplina como obrigatória no seu currículo de estudos.

No que concerne ao conceito de Sexualidade, Anastácio *et al.* (2005) defendem que, tendo em conta a falta de uma Educação Sexual formal nas escolas, é muito difícil fazer com que os alunos apreendam concepções corretas acerca do tema, assim sendo a criança vai construindo as suas próprias concepções acerca da Sexualidade, através das suas experiências quotidianas.

Giordan, (2000) defende que as concepções preliminares apreendidas pelos alunos em contexto informal, são desfasadas da realidade afeta à Educação

Sexual, e desfasadas dos conceitos do professor, por motivos inerentes à diferença de idades e à bagagem científica que cada um dos envolvidos (professor e alunos) possui.

Piscalho (2000) alertam para o facto do atual e facilitado acesso à informação (tecnologia) poder não ser um contributo fiável para o trato das questões relacionadas com a Educação Sexual, pelo facto dos jovens poderem não ser capazes de seleccioná-la convenientemente, a fim de dar resposta às suas questões, criando assim conceções e perspetivas confusas e fragmentadas no que diz respeito ao assunto.

Assim sendo é importante favorecer e integrar esta área na educação, para que seja possível uma desconstrução das noções predefinidas e não cientificamente fundamentadas entre os jovens, que tal como Giordan, (2000) afirma são desfasadas da realidade.

De acordo com a tese de doutoramento, intitulada: “Acção e competência de acção em educação sexual: uma investigação com professores e alunos do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário”, realizada por Vilaça (2006), a partir da realização de três estudos complementares, é possível averiguar as necessidades de um grupo de jovens no âmbito da educação para a sexualidade.

Este estudo tem como objetivo favorecer a integração harmoniosa dos alunos no que diz respeito à sua dimensão sexual, posto, isto é, portanto, necessário entender que a ES é uma vertente de um processo global de educação.

Neste sentido, o estudo pretende dar resposta ao objetivo supracitado, através do desenvolvimento das faculdades mentais dos alunos, fazendo com que estes desenvolvam a competência para realizar ações reflexivas individuais ou coletivas, a fim de promoverem mudanças positivas nos seus estilos de vida. Para tal, a autora enuncia como área de problemática investigacional do 1.º Ciclo, a seguinte questão:

“**a)** O que tem que ser mudado na educação sexual, nas escolas do Distrito de Braga, para aumentar a participação, acção e competência de acção dos alunos, no 7º ao 12º ano de escolaridade nessa área?” (p.32)

De acordo com esta problemática, a autora formulou as seguintes questões de investigação:

1. “Quais são as preocupações científicas e pedagógicas e as abordagens práticas desenvolvidas pelos professores e médicos/ psicólogos que têm vindo a desenvolver atividades de educação sexual nas escolas oficiais do 7º ao 12º ano no Distrito de Braga?”
2. “Quais são as concepções desses educadores sobre o conhecimento, atitudes, valores e comportamentos dos jovens Portugueses em relação à sua sexualidade?”
3. “Quais são as suas visões para melhorar a educação sexual no futuro?”
4. “Há alguma relação entre as práticas desses educadores e as suas concepções sobre a sexualidade dos jovens?” (p.32)

O primeiro estudo, realizado pelo método de avaliação de inquérito, tendo como instrumento de avaliação entrevistas semiestruturadas, envolveu a participação de 87 professores dispersos por escolas e associações pertencentes ao distrito de Braga, 16 médicos e 5 psicólogos, também afetos ao mesmo distrito, que colaboraram neste estudo de modo a formarem as condições necessárias às escolas para poderem criar e desenvolver este tipo de projetos no futuro.

Este estudo conclui que a maior parte dos projetos realizados acerca da ES, em âmbito escolar tinham uma curta duração e não chegavam a todos os alunos. Quanto à postura dos docentes envolvidos e responsáveis por estes projetos e ações de sensibilização, poucos direcionavam o seu processo de ensino orientado para a ação e participação dos alunos, sendo que a maior parte deles desenvolviam o assunto a partir abordagens compreensivas e pouco direcionadas para um estudo da Educação Sexual intencional e globalizante.

Para além destas informações, sabe-se também que os pais colaboravam muito pouco e que a maior parte dos tópicos abordados em ES nas escolas estavam sempre associados às perceções e aos conhecimentos que os professores e educadores detinham sobre o assunto, não arriscando a uma abertura de informação e posterior partilha da mesma, por esta razão foi reforçado

o envolvimento dos pais a terem uma voz ativa, tal qual como os professores (p.132).

O documento dá-nos a informação de que no segundo ciclo de investigação o problema inicial mantinha-se, porém com uma problematização mais concreta, por esta razão houve a necessidade de redefinir uma segunda área problemática. Sendo esta a seguinte:

“b) Como mudam as práticas dos professores ao implementar, no 7º ao 12º ano de escolaridade, uma educação sexual participativa e orientada para a ação, com utilização das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), como consequência da formação contínua de professores?” (p.32)

De acordo com esta redefinição, a investigadora formulou cinco novas questões para investigação, contudo por motivos de filtração da informação, enuncio apenas as seguintes:

1. “Os professores têm disponibilidade para criar condições nas suas escolas para implementar o seu ensino da educação sexual orientado para a ação e participação e avaliar os seus resultados?”
2. “Quais são os problemas/ temas encontrados nas suas escolas, no âmbito da educação sexual e quais são as suas visões sobre as oportunidades potenciais que existem para a sua resolução?” (p.32)

O segundo estudo foi realizado a partir da implementação de um projeto de ES de acordo com a abordagem de investigação – visão – ação & mudança (IVAM). Defendido por Schnack (1996, citado por VILAÇA, (2006), p. 190) como:

“a capacidade – baseada no pensamento crítico e conhecimento incompleto – para se envolver a si próprio como pessoa em ações responsáveis e contra-acções para um mundo mais humano.” (IVAM, p.190)

Este programa contou com a participação de 86 professores oriundos de 16 escolas e envolveu quatro fases: o diagnóstico, a formação, a aplicação da competência de ação e a avaliação participativa durante o processo.

Quanto às técnicas de investigação utilizadas (questionário, observação participante, notas de campo, entrevistas individuais e de grupo, diários de aula

online e e-fóruns de discussão) visaram a triangulação dessas técnicas e das conclusões entre a investigadora e os professores participantes.

Este estudo conclui que a maior parte dos docentes trabalhou e incrementou os seus conhecimentos sobre a ES, ampliando assim positivamente a sua visão quanto à promoção da saúde sexual.

No terceiro ciclo de investigação, deu-se início à seguinte problemática:

“**c)** Como evoluem os projetos de educação sexual baseados na abordagem S-IVAM, com utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC), para aumentar a participação dos alunos e a sua competência de ação no âmbito da Sexualidade?”

O terceiro ciclo de investigação reúne oito questões de investigacionais, que por motivos de síntese de informação, só serão referidas as três primeiras:

1. “Quais são as dimensões do conhecimento orientado para a ação dos alunos sobre a sexualidade e como as constroem para o website do projeto (nomeadamente, as características principais das ideias em relação aos problemas/ temas selecionados, visões e atividades/ ações desenvolvidas)?”
2. “Qual é o grau de participação dos alunos em cada fase do projeto e que visão têm os alunos e professores sobre a relação entre o tipo de participação e os resultados do projeto (resultados durante o processo e finais)?”
3. “Qual é o tipo de participação dos pais no projeto e como é que essa participação é avaliada pelos próprios pais, alunos e professores?”

O terceiro e último estudo contemplou um conjunto de 350 alunos, provenientes de seis escolas do distrito e pretendeu analisar a evolução dos projetos e ES baseados na abordagem utilizada, IVAM.

As técnicas utilizadas para avaliar os resultados deste terceiro estudo são semelhantes às do segundo estudo, designadamente via questionário, observação participante, entre outros anteriormente referidos.

Os resultados do mesmo mostraram que os alunos desenvolveram as quatro dimensões do conhecimento orientado para a ação, nomeadamente investigação

– visão – ação & mudança e utilizaram um conceito amplo e positivo da saúde sexual no âmbito do projeto.

Desenvolveram também noções orientadas para as causas do problema. Relativamente à participação dos pais e alunos, verificou-se um elevado grau de participação e empenho no projeto.

Com este estudo, conclui-se que a ausência da ES nas escolas constitui um fator preponderante no que diz respeito à falta de informação que se instala nos alunos, razão que cada vez mais indica e dá conta da necessidade de tornar a Educação Sexual componente obrigatória e integrante do currículo formal escolar e da transversalidade que esta ocupa nas relações entre o homem e a comunidade, sem que seja erradamente visto como um fator preponderante para a iniciação sexual precoce do jovem.

Os professores desempenham um papel muito importante na forma como atuam perante a falta de alterações nesta área, assim sendo é importante que estejam informados, atualizados e principalmente que tenham vontade para dinamizar ações de formação no que diz respeito a este assunto.

Como defendido por Figueiró (1995, citado por PATTO, (1996), p.13, grifo meu) a educação só tem sentido máximo como **educação para a autorreflexão**¹, caso os alunos sejam capazes de experienciar os seus próprios limites e possibilidades.

É também relevante perceber até que ponto os estudos realizados apontam em direção ao foco principal. Muitas das vezes os projetos e ações no âmbito da educação sexual são realizados sem a mínima intenção sobre o aluno, mas sim de acordo com as intenções do adulto/professor, deste modo não são valorizadas as experiências, nem tão pouco colmatadas as dúvidas dos alunos (Allen, 2008).

¹ Traduz a importância do papel do professor no processo ensino-aprendizagem.

CAPITULO III – METODOLOGIA

Este capítulo é constituído por cinco pontos. No primeiro ponto (3.1.) evidencia-se a natureza da investigação. No segundo ponto (3.2.) faz-se uma breve descrição do contexto onde decorreu a presente investigação, tenho como foco a escola e os sujeitos envolvidos. No terceiro ponto (3.3.) apresenta-se a descrição do estudo, tendo em conta as fases da produção do Inquérito por Questionário. No quarto ponto (3.4.), dá-se conta do processo de recolha de dados, descrevendo o instrumento de recolha de dados e, por fim, no quinto ponto (3.5.) descreve-se a análise de dados efetuada.

3.1. Natureza da investigação

Este estudo tem um carácter qualitativo quanto à sua natureza, ou seja, alia uma perspetiva qualitativa, que a nível conceptual tem como objetivo investigar as intenções, ideias e buscar compreender os significados do objeto/assunto em estudo (Coutinho, 2015).

Nesta perspetiva é importante, segundo Shaw (1999) focar na relevância do significado, mais do que no rigor que esta comporta, sendo que o grande propósito do investigador é particularizar, estudando os factos a partir de situações concretas, sem os generalizar a todos os participantes.

Esta pesquisa incorpora vertentes relacionadas com a recolha de dados acerca das conceções e motivações de um grupo, com o objetivo de compreender e, posteriormente, interpretar, determinados comportamentos associados a dada forma de pensar e atuar perante as situações.

Inteiramente ligado com esta metodologia temos os recursos que apoiam todo este estudo, designadamente a recolha com base na entrevista e no inquérito por questionário, instrumentos que estão na vanguarda da observação em campo.

A metodologia qualitativa, neste caso, auxilia também na continuação de um trabalho, assumindo esta vertente de estudo, pois aprofunda os conhecimentos, que servem de suporte para que mais tarde seja possível quantifica-los.

Bogdan e Taylor (1986) referem que nos métodos qualitativos o investigador deve estar completamente envolvido no campo de ação dos investigados, uma vez

que, na sua essência, este método de investigação baseia-se principalmente em conversar, ouvir e permitir a expressão livre dos participantes.

Na mesma linha de pensamento, os autores atrás referidos dizem que a investigação qualitativa, por permitir a subjetividade do investigador na procura do conhecimento, implica que exista uma maior diversificação nos procedimentos metodológicos utilizados na investigação.

Estamos ainda perante o método estudo de caso, que na opinião de Merriam (1988) define-se como: «*O estudo de caso qualitativo caracteriza-se pelo seu carácter descritivo, indutivo, particular e a sua natureza heurística pode levar à compreensão do próprio estudo*»

Segundo a mesma autora, «*um estudo de caso é um estudo sobre um fenómeno específico tal como um programa, um acontecimento, uma pessoa, um processo, uma instituição ou um grupo social*» (Merriam, 1988).

Este método é frequentemente utilizado no âmbito das ciências humanas, tendo como objetivo a análise da realidade (Serrano, 2004).

Neste tipo de investigação, o estudo de caso é muito utilizado quando não se consegue controlar os acontecimentos e, portanto, não é de todo possível manipular as causas do comportamento dos participantes (Yin, 1989).

Segundo o mesmo autor, um estudo de caso é uma investigação que se baseia principalmente no trabalho de campo, estudando uma pessoa, um programa ou uma instituição na sua realidade, utilizando para isso, entrevistas, observações, documentos, questionários e artefactos.

No que diz respeito à “generalização” das conclusões e resultados de um estudo de caso, é necessário salientar que esta metodologia de investigação não tem o propósito de generalizar os resultados obtidos, mas sim de conhecer profundamente casos concretos e particulares (Merriam, 1988 e Yin, 1989).

Este é ainda considerado exploratório pois conhece-se muito pouco acerca da realidade em estudo, em que os dados recolhidos e a análise dos mesmos, dirigem-se apenas ao esclarecimento do fenómeno de uma realidade (Yin, 1989).

Para além da abordagem anteriormente mencionada, foi também tido em conta o método de observação direta do investigador com o grupo em estudo.

3.2. Caracterização da amostra e do contexto educativo.

A presente investigação desenvolveu-se no contexto de Prática Pedagógica Supervisionada. O trabalho decorreu em conjunto com um elemento par, que neste caso desenvolveu o seu estudo em outra área distinta da Educação Sexual, focando-se no contexto da Sustentabilidade Ambiental.

O estabelecimento de ensino no qual decorreu o presente estudo está incorporado na rede pública do Sistema Educativo Português. Integra um Agrupamento de Escolas, e está situado na periferia de uma cidade do distrito de Aveiro. Trata-se de uma escola do 1.º CEB.

A turma envolvida neste estudo frequenta o 2.º ano de escolaridade e é constituída por 25 alunos, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos, como representado no gráfico 3. De entre estes alunos, 10 pertencem ao sexo feminino e 15 ao sexo masculino.

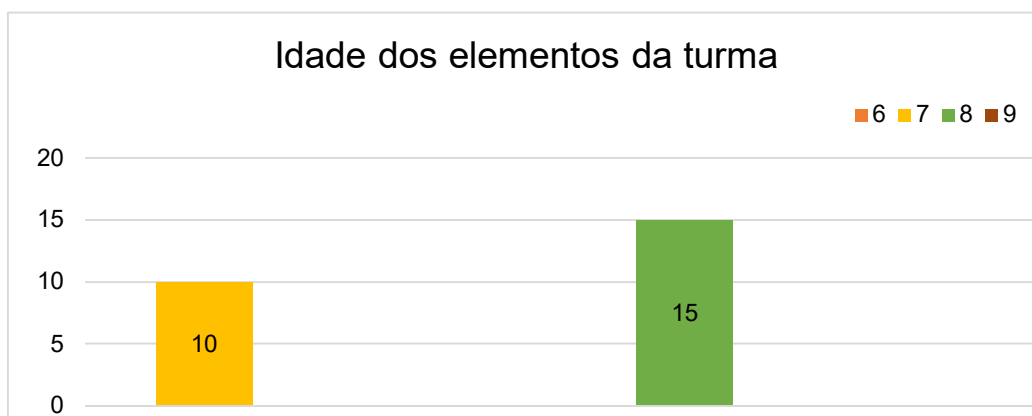


Gráfico 3 - Idade dos elementos da turma.

No que diz respeito ao percurso escolar destes alunos é de salientar que todos eles frequentaram estabelecimentos dedicados ao ensino da Educação Pré-Escolar, de acordo com as informações presentes no Plano da Turma.

²No que concerne à opinião que estes alunos têm acerca da escola onde estudam, e com base no gráfico abaixo representado (n.º 4), temos que 18 alunos se sentem em uma posição confortável e apenas seis deles apresentam uma posição mais ou menos confortável, o que significa que estão adaptados ao seu meio de ensino, porém, por razões que desconhecemos, não têm total preferência por este estabelecimento escolar e tudo aquilo que o meio lhes tem para oferecer.

Esta situação pode ter como justificação, o facto de serem alunos ainda muito novos, que na data em este estudo foi-lhes implementado (mês de junho) estavam ainda no 2.º ano, logo alguns deles podem ainda ter sentimentos de pertença ao estabelecimento de ensino frequentado na Educação Pré-Escolar.

Outra questão interessante de ser apresentada diz respeito com os resultados obtidos pelos alunos, no ano anterior (1.º ano). Como mostra o gráfico seguinte (Gráfico 4), 20 alunos encontram-se numa posição confortável acerca deste assunto, o que denota que tiveram de facto bons resultados.

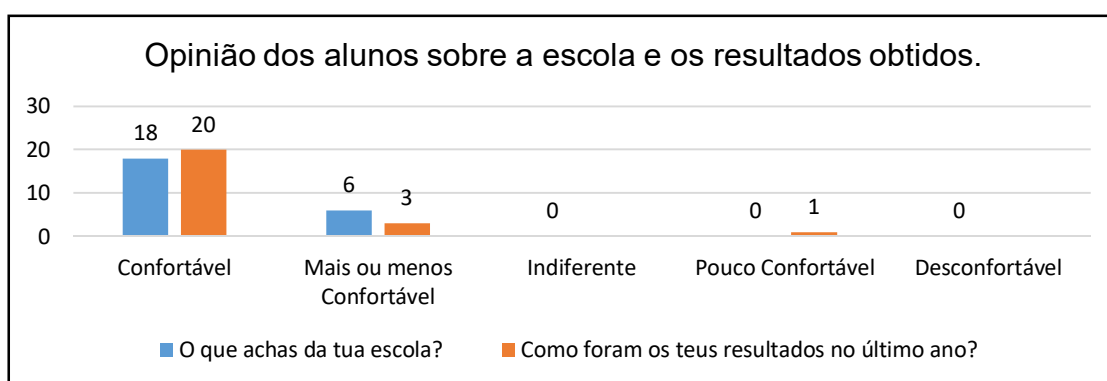


Gráfico 4 - Concepções dos alunos acerca do meio escolar e resultados obtidos.

² Um dos elementos da turma não respondeu a esta questão. O aluno em questão estava inquieto e ansioso com as atividades de final de ano.

Todavia, três deles estão numa posição relativa, sentindo-se mais ou menos confortáveis, o que significa que têm a noção de que os seus resultados poderiam ser melhores, e por fim, um dos alunos encontra-se numa posição mais fraca, pois admite estar numa posição pouco confortável, logo tem a consciência de que terá de melhorar neste ano letivo.

Note-se que os encarregados de educação deste grupo em especial almejam futuramente que os seus educandos tenham “profissões de sucesso”, que requerem grandes estudos³. Nota-se, inclusivamente, a partir da informação presente no gráfico abaixo representado (n.º 5), que os alunos sabem em que situação estão e o que devem fazer para mudar a sua situação⁴.

Quanto ao meio onde estes alunos habitam, sabemos que 20 alunos habitam em meio urbano, três deles moram relativamente perto à cidade de Aveiro e que apenas dois destes alunos habitam fora da área urbana, mais precisamente num meio rural (Gráfico 5).

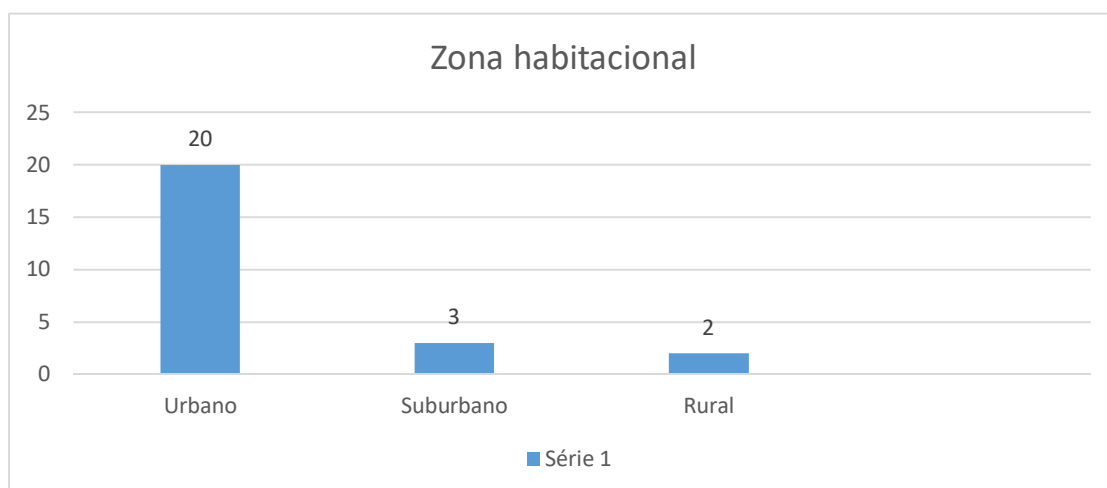


Gráfico 5 - Zona habitacional.

³ Expressão extraída da informação presente no Plano de Turma.

⁴ Constatação proveniente do contacto e observação direta que tive com estes alunos, durante o período de PPS.

Ainda no que concerne ao meio habitacional destes alunos, temos que os espaços das habitações variam entre os três e os 10 quartos e salas disponíveis (Gráfico 6).

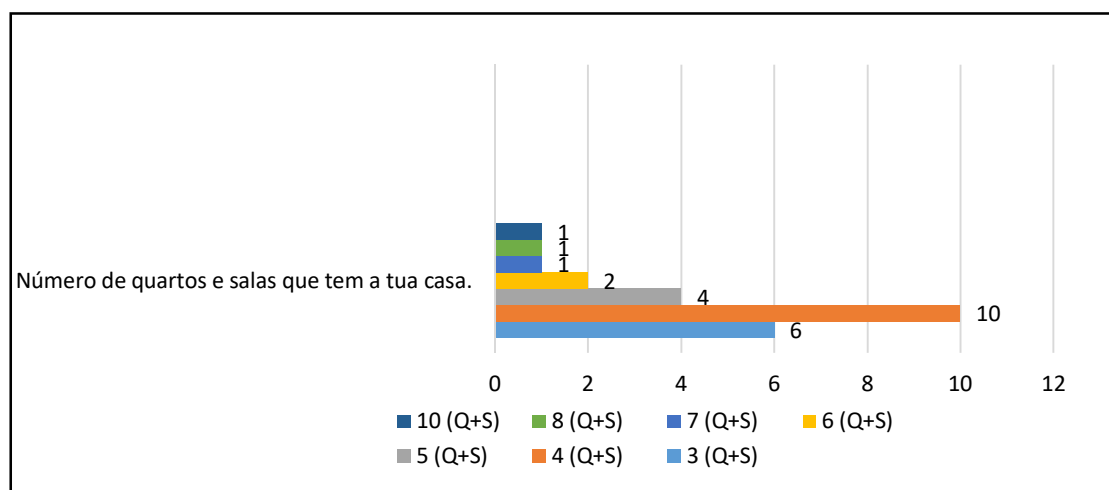


Gráfico 6 - Número de espaços das habitações.

Outra questão presente no Inquérito por Questionário tem que ver com os passatempos destes alunos. Para tal foi construída um quadro (n.º 2) que apresenta as suas preferências.

Quadro 2 - Preferências dos alunos quanto aos hobbies praticados.

Regularidade com que praticam as atividades.						Total
Categoria	Nunca pratico	Raramente pratico	Pratico às vezes	Pratico muito	Pratico sempre	
Praticar desporto			5	5	15	25
Ouvir música	5	4	10	1	5	
Jogar no PC ou Tablet	5	2	6	5	7	
Ir ao cinema	15	8	2			
Ler	3	2	5	5	10	
Ver televisão	3	6	1	15		

Na categoria “**Praticar Desporto**” não se revela nenhum aluno que não o pratique ou que o raramente pratique. Estes dados informam-nos que são alunos que pouco ou muito, não descoram a atividade física, são, portanto, alunos com uma componente prática presente no seu quotidiano.

Temos ainda que **5** alunos, cerca de 2%, têm um exercício da atividade física relativamente bom, sendo que o **praticam às vezes**. Igualada a esta frequência temos outros **5**, 2%, alunos que praticam atividade física com **muita frequência**. Por fim a maior parte do grupo, cerca de 6%, correspondente a **15** alunos praticam atividade física **sempre** que podem.

Isto pode remeter à prática diária de exercício físico, uma vez que a maior parte destes alunos têm as tardes preenchidas em clubes de futebol ou na prática de atividades rítmicas expressivas, como é o caso da ginástica⁵.

Na atividade “**Ouvir Música**”, contamos com **5** alunos (2%) que **nunca praticam** esta atividade. **4** deles (16%) afirmam que **raramente praticam**. **10** (4%) deles praticam às vezes. Apenas **1** (4%) dos alunos **pratica muito** e, por fim, **5** (2%) deles têm uma prática frequente desta atividade, sendo que o **praticam sempre**.

Estes resultados indicam-nos que a maior parte destes alunos, cerca de 64% têm uma rotina muito orientada para as atividades ligadas com a música.

Esta é uma questão que é confirmada pela observação direta, obtida durante o período de prática pedagógica, em que tive conhecimento de que a maior parte destes alunos está envolvido em atividades musicais, fora do contexto escolar.

Na categoria “**Jogar no PC ou Tablet**”, temos que **5** (0,2%) alunos **nunca praticam** esta atividade. **2** (0,08%) deles **raramente o praticam**, o que sugere que só o fazem quando autorizado pelos pais, talvez em momentos em que não tenham outras atividades de interesse. **6** deles, (0,24%), assumem que o **praticam às**

⁵ Constatação proveniente do contacto e observação direta que tive com estes alunos, durante o período de PPS.

vezes, **5** (2%) deles **praticam-no muito** e, por fim, **7** destes alunos, cerca de (28%), praticam sempre esta atividade.

Este resultado traduz que a maior parte dos alunos tem algum contacto com os meios eletrónicos, nomeadamente com o Tablet ou com o PC. Apenas 2%, correspondente a um total de **5** alunos é que nunca o praticam.

Na categoria “**Ir ao Cinema**”, temos que **15** (6%) destes alunos **nunca** o fizeram, seja por falta de oportunidade, seja por vontade dos pais. **8** (32%) deles responderam que **raramente o praticam**, o que significa que apesar de pouco já tiveram a oportunidade de o realizar. Por fim, **2** (8%) deles assumem que vão ao cinema **às vezes**, o que mostra que conseguem incluir na sua rotina uma ou outra ida ao cinema.

Na categoria “**Ler**”, **3** (12%) alunos nunca o praticam. **2** deles raramente o praticam. **5** (2%) destes **praticam-no às vezes**, outros **5** (2%) **praticam-no muito** e por fim, **10** alunos (4%) **praticam sempre** esta atividade.

Estes resultados sugerem que a maior parte dos elementos, cerca de **15** alunos (6%) têm bons hábitos de leitura ao longo do seu quotidiano.

Por fim, a última categoria dedica-se ao “**Ver Televisão**”. Os dados são os seguintes:

- ◆ **3** alunos, cerca de 12%, **nunca o praticam**;
- ◆ **6** alunos, cerca de 24%, **raramente o praticam**;
- ◆ **1** alunos, cerca de 4%, **pratica às vezes**;
- ◆ **15** alunos, cerca de 6%, **pratica muito**.

Relativamente a estes dados, temos que a grande parte destes alunos (15), têm uma rotina muito marcada pela TV ou outros aparelhos eletrónicos. Esta não é uma situação que se afigure negativa, porém nunca deverá ser prioritária em relação a outra atividade mais dinâmica, como por exemplo, a prática de exercício físico, caso contrário estão-se a descurar atividades promotoras do bem-estar físico e

intelectual das crianças em prol de uma postura sedentária e pouco ativa no dia a dia destas.

São alunos com uma grande ocupação em termos das atividades que preenchem os seus dias, e como tal, são alunos muito astutos e dinâmicos. Claramente são estes os aspetos que nos importam, enquanto pais e educadores.

3.3. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

"Em ciências sociais, o inquérito é uma pesquisa sistemática e o mais rigorosa possível de dados sociais significativos, a partir de hipóteses já formuladas, de modo a poder fornecer uma explicação."

[Alain Birou - Dicionário de Ciências Sociais, 1973]

A técnica de recolha de dados utilizado nesta investigação foi o inquérito, e o instrumento utilizado foi o questionário, aplicado em todo o processo de investigação, mais propriamente durante o mês de junho, como mostra o quadro seguinte.

Técnica	Instrumento	Momento de aplicação
Inquérito	Questionário	junho/16

Quadro 3 - Técnica, Instrumento e Momento de aplicação.

A informação foi recolhida através de um inquérito por questionário autoaplicado e administrados em sala de aula.

A implementação deste inquérito por questionário decorreu em período escolar, mais precisamente durante o mês de junho, o que comprometeu o desenrolar das atividades destacadas para esse dia, contudo, uma vez que se trata de uma recolha de curta extensão, não constitui danos na aprendizagem dos alunos, bem como à função do docente titular.

Para o estudo das concepções acerca das temáticas de Educação Sexual e Sexualidade, foi inicialmente pensado em um método com aplicabilidade prática ao contexto educacional vivido, porém dado o foco deste trabalho verificou-se a sua inadequação. Assim sendo dadas as vantagens desta outra estratégia de avaliação, pensou-se na implementação de um inquérito por questionário, embargando questões de resposta aberta e fechada, para um melhor entendimento do mesmo.

Para além da facilidade à compreensão, foi tido em conta, por necessidade, a recolha das concepções a um elevado número de alunos, de modo a que todos tivessem a oportunidade de responder em simultâneo ao questionário. Os quesitos tempo e custo também foram aspetos preponderantes à implementação do questionário, pois com este instrumento de recolha de informação prevê-se uma concretização imediata e de baixo custo.

No que diz respeito à produção do questionário, a versão final do mesmo é constituída por cinco partes, conforme a seguir descrito.

No início do estudo, começou-se por pensar sobre o conteúdo dos questionários. Assim, o enfoque inicial incidiu sobre a caracterização dos alunos, com o objetivo de descrever e melhor conhecer a turma ao nível da sua personalidade, hábitos e características pessoais, nomeadamente, das concepções que cada um tem acerca da educação de um modo geral.

A “**Parte I – Caracterização da Turma**” deste questionário diz respeito às particularidades da turma, ou seja, pretendeu-se conhecer aspetos ligados com a idade, nível de ensino e género a que pertencem. É possível também conhecer algumas das suas concepções relativamente à forma como se sentem em ambiente escolar e conseqüentemente quanto aos resultados escolares obtidos no ano anterior.

A primeira questão da Parte I é composta por três questões de resposta fechada e múltipla, na qual é oferecido um conjunto de respostas (3 a 5), em que os alunos devem escolher apenas uma delas.

A segunda questão da Parte I é composta por duas questões que se encontram estruturadas de acordo com a *Escala de Likert*, em que o aluno quantifica a sua opinião.

O enunciado três da Parte I pretende conhecer os passatempos que os alunos praticam e com que frequência. Para tal foi construída uma tabela, baseada na *Escala de Guttman*, que expressa um crescimento de intensidade com que o aluno pratica determinada atividade.

Resumindo a **Parte I** perfaz um total de seis questões, relativas à caracterização do grupo, interesses e atividades praticadas pelos alunos. Algumas das questões com itens de resposta baseados na escala avaliação gráfica, similar à escala de avaliação de *Likert* e *Guttman*, mas também com questões de carácter fechado, bem como resposta múltipla.

A “**Parte II – Ambiente sociofamiliar**”, perfaz um total de três questões e incorpora assuntos diretamente ligados com o ambiente familiar e socioeconómico do aluno. Para tal, integra questões inerentes ao tipo de residência onde o aluno habita, o número de pessoas e a escolaridade dos pais e ou encarregados de educação. Imperam sobretudo questões de resposta fechada.

Estas duas primeiras partes **I** e **II** têm o propósito de dar a conhecer ao leitor algumas das características pessoais dos inquiridos, e de certa forma permitir a compreensão de certas concepções, muito embora se trate de alunos em tenra idade, a partir desta compreensão, com alguma facilidade percebemos o tipo de abertura que existe para o tratamento dos assuntos ligados com a Educação

Sexual, no seio familiar. Ambas as partes integram os objetivos discriminados no quadro seguinte (Quadro 4).

OBJETIVOS: PARTES I e II
<ul style="list-style-type: none">• Descobrir se o meio social e familiar do aluno influencia na tomada de resposta acerca de determinadas questões;• Perceber se existe uma boa relação com a escola, traduzindo-se numa melhor abertura para os assuntos em estudo;• Identificar características do aluno;• Compreender se as questões de género afetam na tomada de resposta e posição dos alunos face à sexualidade.

Quadro 4 - Objetivos das Partes I e II do questionário.

Relativamente à “**Parte III – As minhas ideias sobre...**” estamos perante seis expressões ligadas à sexualidade, em que se pretende que o aluno atribua significados a cada uma delas. Esta parte tem um carácter aberto quanto ao tipo de respostas que se espera por parte dos alunos.

Aliado a este facto tem-se que são expressões que muitos deles possivelmente nem tiveram oportunidade de ouvir pelo que é a fase em que se deteta menor rigor quanto às respostas obtidas. Esta parte integra os objetivos discriminados no quadro seguinte (Quadro 5).

OBJETIVOS: PARTES III
<ul style="list-style-type: none">• Identificar as interpretações do aluno, acerca dos termos em análise;• Identificar se, para o aluno, há diferenças entre cada um dos termos;• Compreender se o aluno associa os termos aos seus significados.

Quadro 5 - Objetivos da Parte III do questionário.

A “**Parte IV – Eu e o meu corpo**” é constituído por cinco questões, três delas de carácter fechado e duas delas com carácter aberto. Nesta parte é possível observar questões que remetem às transformações que decorrem do crescimento, enfatizando assim os caracteres primários e secundários. Esta parte integra os objetivos discriminados no quadro seguinte (Quadro 6).

OBJETIVOS: PARTE IV
<ul style="list-style-type: none">• Identificar possíveis evidências que os alunos detêm sobre as alterações corporais futuras, na puberdade;• Levantar informações que indiquem que o aluno tem conhecimento das mudanças corporais pelas quais passou – caracteres primários;• Perceber qual foi o foco do aluno em termos da ilustração escolhida para representar o sistema reprodutor;• Interpretar o significado que o aluno atribui aos termos em estudo;• Detetar se o aluno, por associação, interpreta corretamente o significado da questão.

Quadro 6 - Objetivos da Parte IV do questionário.

Por fim, a “**Parte V – O meu corpo e o meio que o rodeia**” contabiliza um conjunto de seis questões, incluindo questões de carácter aberto e fechado. Esta parte integra os objetivos discriminados no quadro seguinte (Quadro 7).

OBJETIVOS: PARTES V
<ul style="list-style-type: none">• Compreender se são atribuídos juízos de valor;• Identificar as perspetivas dos alunos relativamente à sexualidade e respetiva orientação;• Perceber a opinião do aluno face à relação entre as pessoas, em geral.• Constituir um dilema ao aluno, para que seja capaz de se posicionar em cada situação.• Identificar qual a posição do aluno ao ter de abordar aspetos relacionados com a sexualidade.• Conhecer a posição do aluno face às atividades e aos géneros envolvidos;

Quadro 7 - Objetivos da Parte V do questionário.

No que diz respeito à administração do questionário os alunos tiveram apenas conhecimento da importância que este tinha enquanto objeto de estudo, porém, em momento algum foi-lhes informado que este seria composto por questões de cariz sexual. Esta informação foi omissa desde o início da sua aplicação exatamente no sentido de perspetivar e preservar uma boa condução de todo este momento, de modo a evitar eventuais constrangimentos por parte dos alunos na resposta às questões.

3.4. Análise de dados

A análise dos dados é um dos pontos mais importantes de todo este relatório, pois só a partir deles será possível dar resposta à pergunta de investigação. Para tal, segundo Wolcott (2004) são necessários três momentos fundamentais durante a fase da análise, nomeadamente: descrição, análise e interpretação.

A descrição corresponde à escrita de textos resultantes dos dados originais registados pelo investigador. A análise é um processo de organização de dados, onde se devem salientar os aspetos essenciais e identificar fatores chave. Por último, a interpretação diz respeito ao processo de obtenção de significados e relações a partir dos dados obtidos.

A apresentação dos dados diz respeito ao momento em que a informação é organizada e compactada para assim o investigador poder ver rápida e eficazmente o que se passa no estudo. O terceiro e último momento corresponde à extração da informação recolhida, estando esta devidamente organizada e compactada.

Tomando como referência os três momentos referidos por Wolcott e, adequando-os ao presente estudo em investigação, podemos referir que a descrição corresponde à escrita das respostas resultantes das questões de resposta aberta.

Na análise dos dados, propriamente dita, houve o cuidado de ler mais do que uma vez todas as respostas obtidas, para assim ter uma visão completa e abrangente sobre o assunto. O material recolhido ao longo da investigação (questionários) foi organizado num portfólio que foi submetido a uma análise pormenorizada em formato digital (Microsoft Word) e (Microsoft Excel).

No que concerne aos itens de resposta aberta foram criadas categorias de resposta que permitissem detetar a frequência com que estas surgem ao longo do questionário. Já no caso das questões de carácter fechado foram construídas tabelas de frequência que expressam a repetição com que determinada variável surge ao longo do tratamento e análise dos dados.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo é constituído por dois pontos – 4.1. e 4.2. Neles apresentam-se os resultados relativos ao estudo das concepções dos alunos, envolvidos no estudo, alunos de uma turma do 2.º ano, do 1.º ciclo do ensino básico.

4.1. Itens de resposta aberta

Como anteriormente referido, o questionário conta com questões de carácter aberto, pelo que houve a necessidade de construir categorias, que evidenciem a frequência com que determinadas respostas surgem. Assim sendo, para as questões de resposta aberta, como é o caso da produção do significado que cada aluno atribui aos conceitos de: Educação Sexual, Sexualidade, Igualdade Sexual, Orientação Sexual, Comportamento Sexual e Abuso Sexual.

O quadro seguinte (n. º8) representa as categorias de respostas atribuídas ao primeiro conceito – **Educação Sexual** – e consecutivamente o número de vezes que essas respostas foram expressas pelos alunos.

Educação Sexual	
Sem resposta	14
Definição de sexo/género	2
Sexualidade masculina	2
Sexualidade feminina	3
Educação de género	4

Quadro 8 - Categorias de resposta para o conceito Educação Sexual.

Assim sendo, a partir do gráfico seguinte (n.º 7), temos que a maior parte dos alunos, cerca de 56% desconhecem o significado deste conceito. Cerca de **quatro** alunos atribuem o seu significado às questões da educação de género. **Três** deles associam a Educação Sexual à Sexualidade feminina, tendo pelo contrário dois alunos que associam este conceito à Sexualidade masculina. Por fim, com uma percentagem muito baixa temos que apenas **dois** alunos indicam que este assunto tenha que ver com a própria definição do sexo e género sexual.

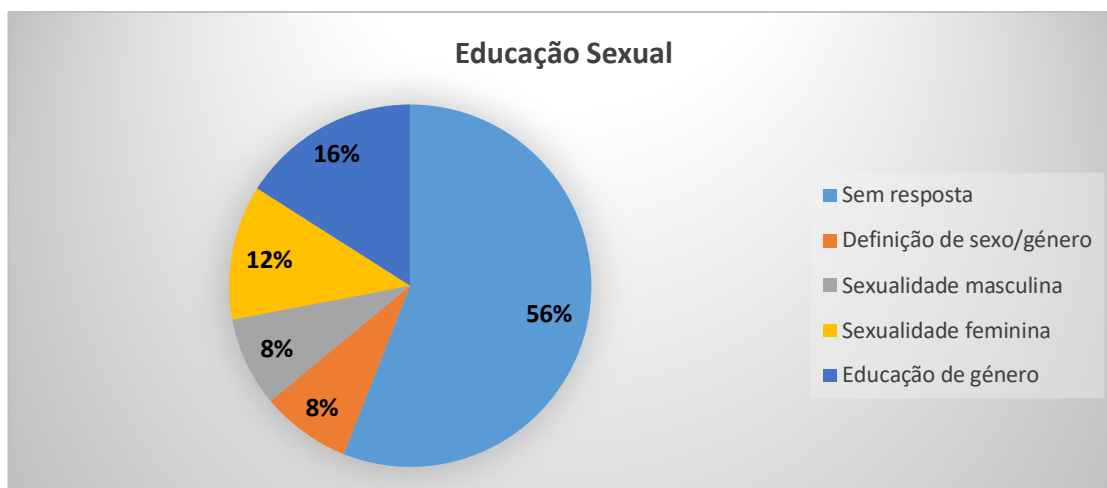


Gráfico 7 – Conceito Educação Sexual.

O quadro n.º 9 representa as categorias de respostas atribuídas ao segundo conceito – **Sexualidade** – e consecutivamente o número de vezes que essas respostas foram expressas pelos alunos.

Sexualidade	
Sem resposta	8
Gênero	9
Sexo da criança	2
Gênero masculino	4
Gênero feminino	1
Gêneros masculino e feminino	1

Quadro 9 - Categorias de resposta para o conceito Sexualidade.

O mesmo é evidenciado no gráfico n.º 8, que se segue. Temos que **oito** alunos (32%) que se abstiveram de responder, o que traduz um total desconhecimento acerca deste conceito. **Nove** alunos (36%) apresentaram uma possível resposta a este conceito como se de um conceito ligado com o género sexual se tratasse. **Dois** (8%) deles associaram este conceito ao sexo da criança, **quatro** elementos (16%) associaram este um conceito inerente ao género masculino. **Um** (4%) dos alunos demonstra que este conceito tenha que ver

exclusivamente com o género feminino e por fim **um** aluno (4%) associa-o a ambos os géneros – feminino e masculino.

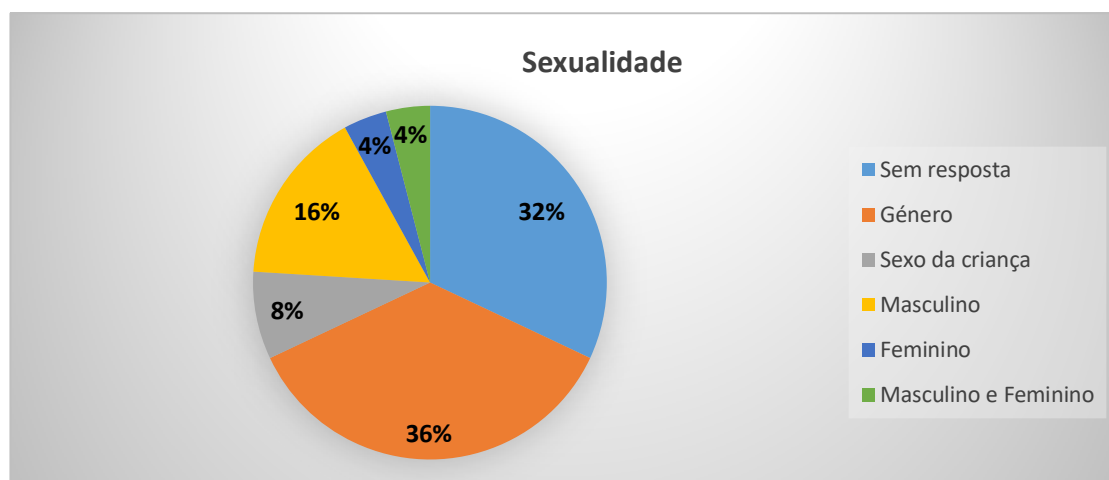


Gráfico 8 - Conceito Sexualidade.

O quadro n.º 10 representa as categorias de respostas atribuídas ao segundo conceito – **Igualdade Sexual** – e consecutivamente o número de vezes que essas respostas foram expressas pelos alunos.

Este revela a frequência com que as respostas foram expressas pelos alunos. Assim sendo, temos que **22** (88%), a maior parte dos elementos desconhecem o significado deste conceito.

Igualdade Sexual	
Desconhecimento	22
Feminino	1
Igualdade de género	1
Número	1

Quadro 10 - Categorias de resposta para o conceito Igualdade Sexual.

Com percentagens menores temos que **três** alunos (12%) atribuem o significado deste conceito ao género feminino, à igualdade de género e ao número de sujeitos envolvidos nesta igualdade, respetivamente.

Um dos elementos associa a Igualdade Sexual ao género feminino, sendo que aqui refere-se à igualdade de papéis, na perspetiva de igualar o papel feminino ao masculino. Um dos elementos demonstra que também que não compreendeu o conceito, como tal a sua resposta veio ao encontro da questão. Nesta situação, concluo que o aluno não tem um significado formado acerca deste conceito.

Por fim, um dos elementos associa a Igualdade Sexual ao número de sujeitos envolvidos numa relação, o que na minha opinião, vai ao encontro do real significado deste conceito. Ainda que este aluno tenha se expressado de forma limitada, creio que foi o único que foi capaz de chegar mais próximo do significado. O aluno defende que para existir Igualdade Sexual é necessário a presença de mais do que um envolvido.

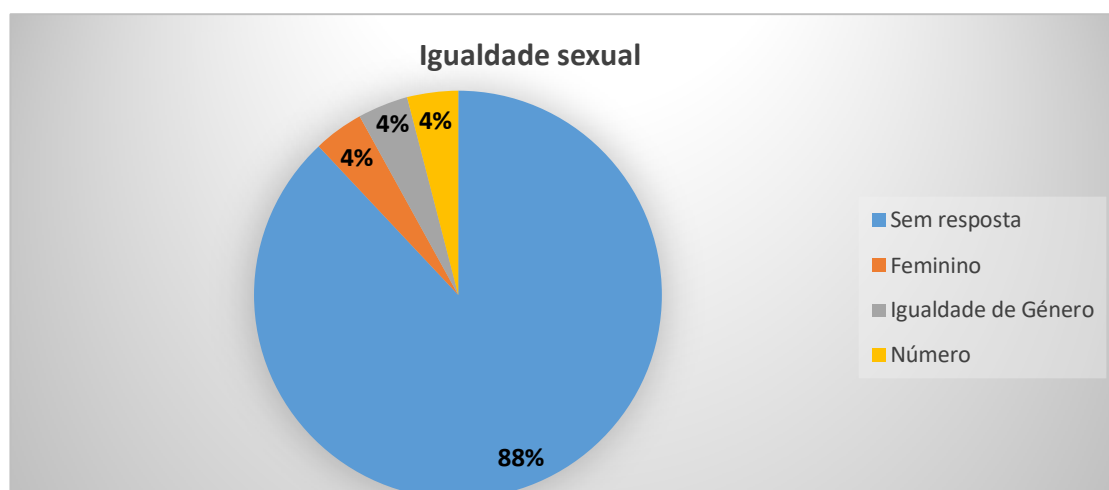


Gráfico 9 - Conceito Igualdade Sexual.

Relativamente ao conceito – **Orientação Sexual** – o quadro n. 11 (abaixo indicado), resume o número de associações quanto às respostas que os alunos exprimiram, assim como o gráfico abaixo representado, respetivo a este conceito. Assim sendo, tem-se que a maior parte, cerca de **20** alunos (8%) desconhecem o significado deste conceito.

Orientação Sexual	
Desconhecimento	20
Género pessoal	1
Bom comportamento	1
Educar os filhos	1
Orientação de género	1
Género do individuo	1

Quadro 11 - Categorias de resposta para o conceito Orientação Sexual.

Os restantes **cinco** elementos (2%), associam este conceito ao género pessoal, ou seja, ao facto do individuo pertencer ao género masculino ou feminino, o que revela que o aluno tem uma noção acerca do assunto. Outro **aluno** associa esta situação ao género pessoal, sendo que este aproxima-se do significado, pois o género encontra-se de facto associado à Orientação Sexual. Quanto à resposta associada ao bom comportamento, revela que o aluno não tem qualquer noção acerca desta expressão, no entanto este aluno pode ter associado o bom comportamento a uma boa conduta sexual.

Na categoria educar os filhos, um dos alunos associou este conceito à forma como os filhos eram educados, facto que está errado do ponto de vista do correto significado de Orientação Sexual.

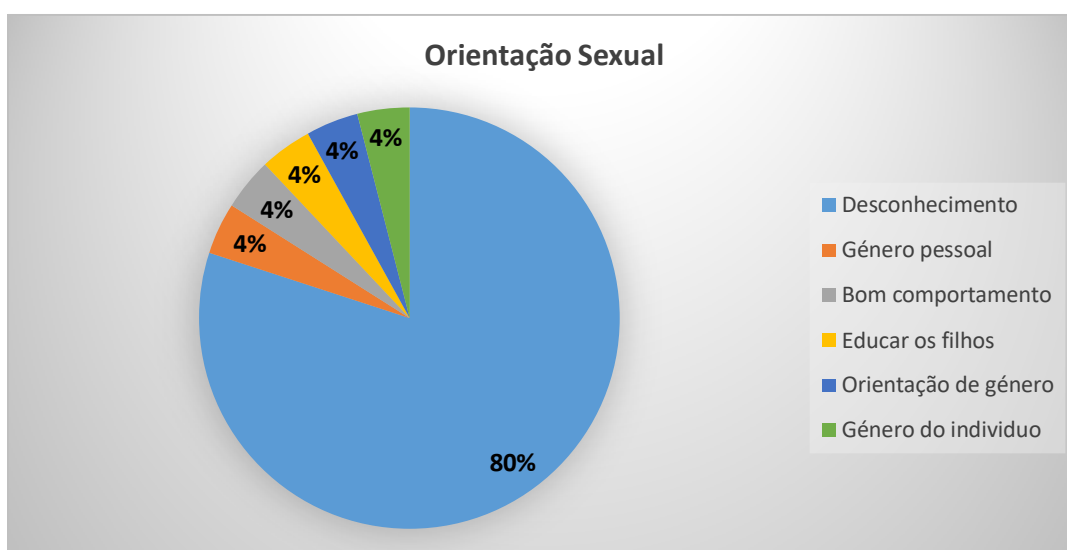


Gráfico 10 - Conceito Orientação Sexual.

No que diz respeito à categoria seguinte – **orientação de género** – julgo que o aluno em questão associou o género do individuo à orientação sexual que este possui. Para mim trata-se de uma resposta interessante na medida em que o aluno é capaz de compreender que esta é uma questão que está ligada a outras. Por fim, um dos elementos respondeu com a categoria – género do individuo – o que vai um pouco ao encontro da resposta anterior, logo revela de facto que não isola este conceito e dá oportunidade de o incluir em outra aceção.

Na categoria seguinte – Comportamento Sexual – temos como valores apresentados no quadro n.º 12 que **19** alunos (76%), não têm qualquer tipo de noção acerca deste conceito, portanto trata-se da maioria. **Três** alunos (12%), pensam que este conceito está associado ao bom comportamento do individuo, o que de certo modo vai ao encontro do significado desta expressão. **Um** dos elementos (4%) associam o Comportamento Sexual a uma boa conduta, expressão que é interessante de ser refletida, pois denota que este aluno associa o comportamento à conduta. Outro **elemento** (4%) deste grupo associou este conceito à responsabilidade que os pais devem ter com os filhos, transcrevendo a resposta em questão, o aluno afirma o seguinte: ⁶“*O comportamento sexual é ser responsável com os filhos*”. O que é também uma afirmação interessante a ser pensada, pois revela que o aluno faz a associação deste conceito ao bem-estar dos filhos, estando ele nessa posição. E, por fim, **um** (4%) dos elementos associa o Comportamento Sexual ao comportamento do género, no caso o género feminino e o género masculino.

Comportamento Sexual	
Desconhecimento	19
Bom comportamento	3
Boa conduta	1
Responsabilidade	1
Comportamento de género	1

Quadro 12 - Categorias de resposta para o conceito Comportamento Sexual.

⁶ Informação presente no Inquérito por Questionário, aplicado aos alunos.

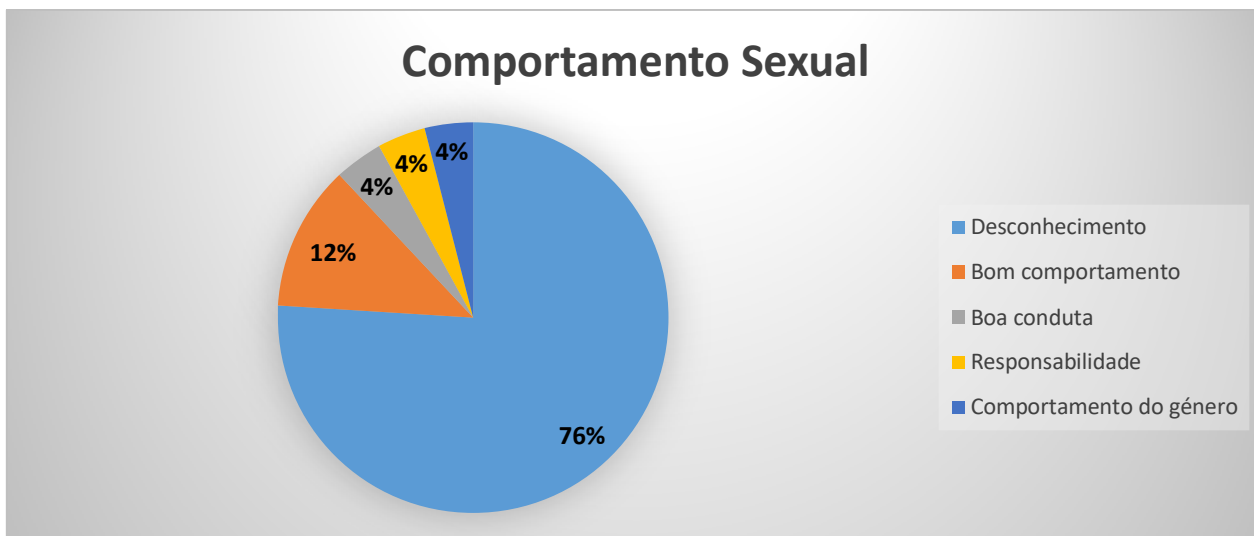


Gráfico 11 - Conceito comportamento Sexual.

Finalmente, quanto ao último conceito em análise – **Abuso Sexual**⁷ – a maior parte dos alunos, cerca de 92% revelam desconhecimento sobre tal conceito. No entanto **dois** dos elementos atribuem o seu significado ao abuso do gênero e consecutivamente ao abuso sexual. Nesta última, o aluno escreveu a seguinte afirmação: “É abusar muito do sexo.”

Abuso Sexual	
Desconhecimento	19
Abuso do gênero	1
Abusar sexualmente	1

Quadro 13 - Categorias de resposta para o conceito Abuso Sexual.

Estes dois alunos revelam ter uma pequena ideia do que na realidade este conceito significa. Foram capazes de traduzir, verbalmente, situações em que há a presença de violação. Portanto, a partir desta aceção constato que são os únicos elementos que têm uma ideia do que se refere a expressão em análise.

⁷ Quatro elementos não atribuíram significado a este conceito, pois revelaram alguma instabilidade na realização desta última parte, como tal foram convidados a entregar os seus questionários.

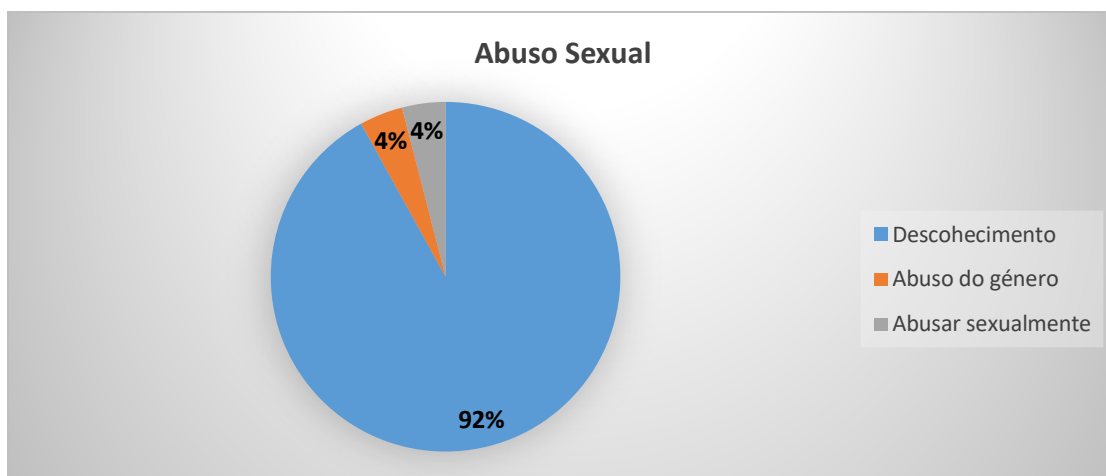


Gráfico 12 - Conceito Abuso Sexual.

Em modo de conclusão às conceções dos conceitos apresentados anteriormente, posso afirmar que a grande parte dos alunos desconhecia os conceitos em análise. Como tal limitaram-se a escrever “*Não sei*”, situação que se afigura natural, sendo que são crianças ainda muito jovens e não tem qualquer tipo de noção acerca dos conceitos de Educação Sexual e/ou Sexualidade.

Todavia, surpreendentemente obtive respostas bem interessantes, na medida em que os alunos associam determinados conceitos a situações do seu quotidiano. Por exemplo, no que diz respeito ao conceito Comportamento Sexual, os alunos associam-no ao comportamento dos filhos perante aos pais, portanto na conceção destes alunos tem-se que a palavra comportamento é indicador de uma situação que lhes trará bem-estar.

Ainda sobre este conceito, um dos alunos associa o comportamento sexual ao papel dos pais, sendo que o aluno expressa que os pais devem ser capazes de *orientar* e serem também *responsáveis* pelos filhos. Nesta situação estamos perante uma outra conceção, a ideia de que os pais são os únicos responsáveis pela educação e criação dos filhos.

O balanço que faço quanto a esta parte é que na realidade foi aquela que menos informação me permitiu obter. Uma possível justificação a isto pode ter que ver com o facto de serem conceitos novos para os alunos, o facto de se tratarem de itens de resposta aberta, o que, neste caso, dificultou a extração de maior

qualidade na informação. Ainda assim, os poucos alunos que foram capazes de expressar as suas ideias de forma livre, deram respostas bem interessantes, sendo que futuramente podem vir a ser estudadas e explicadas ao nível da psicologia.

Uma das questões presentes no questionário prende-se com a atribuição de significado a doenças sexualmente transmissíveis. Neste item a maior parte dos alunos não soube atribuir a resposta correta, no entanto a maior parte deles estiveram bem perto. ⁸Um dos alunos respondeu o seguinte: “É uma doença provocada por bactérias.” Outro aluno deu a seguinte resposta: “É uma doença que se transmite”, outro “É uma doença social que é transmitida por pessoas”, “É uma doença que dá piolhos, tosse e constipação.”

Surpreendentemente, **um** dos alunos respondeu que esta era uma doença transmitida pelo ato sexual, e outros **10** alunos não souberam atribuir significado a esta questão

4.2. Itens de resposta fechada

Um dos itens que constam no inquérito realizado com os alunos, prende-se com a identificação dos vários sistemas representados na ilustração 1. Este item tinha como objetivo que os alunos fossem capazes de identificar (assinalando com X a figura correta) em qual dos sistemas se encontra representado o (s) sistema (s) responsável (s) pela reprodução humana.

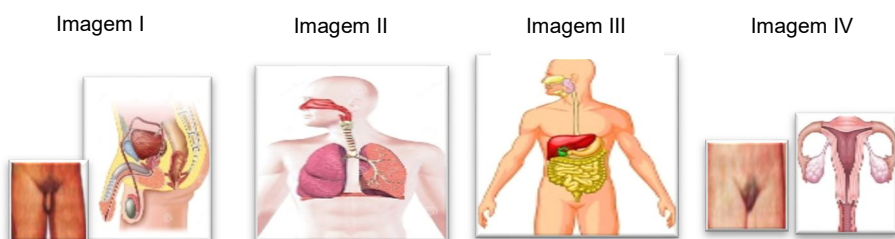


Ilustração 1 - Sistemas do corpo humano.

⁸ Constatação proveniente da observação e contacto diretos com os alunos em questão, aquando do preenchimento dos questionários.

Neste item, a maior parte dos alunos atribuiu resposta a todas as ilustrações representativas dos vários sistemas, a partir dos órgãos que nelas identificaram. Como tal, foram obtidas respostas ao nível dos órgãos que envolvem os sistemas em análise (Gráfico 13).

Como é possível verificar no gráfico que se segue (n. °13), temos que **oito** dos alunos, cerca de 32%, associou a imagem II ao sistema respiratório, quanto à imagem III, a maior parte dos alunos, **14** dos elementos (6%) associaram os órgãos presentes ao sistema digestivo. No que concerne ao sistema reprodutor masculino (imagem I), apenas **três** elementos, cerca de 12%, associaram corretamente os órgãos à função da reprodução. Por fim, no que diz respeito ao sistema reprodutor feminino não houve quem identificasse os órgãos nele presente nem tampouco identificar o sistema em questão.



Gráfico 13 - Sistemas do corpo humano.

Em modo de conclusão acerca dos sistemas em análise, focar-me-ei apenas naqueles que estão diretamente ligados com este relatório, nomeadamente o sistema reprodutor masculino e o sistema reprodutor feminino.

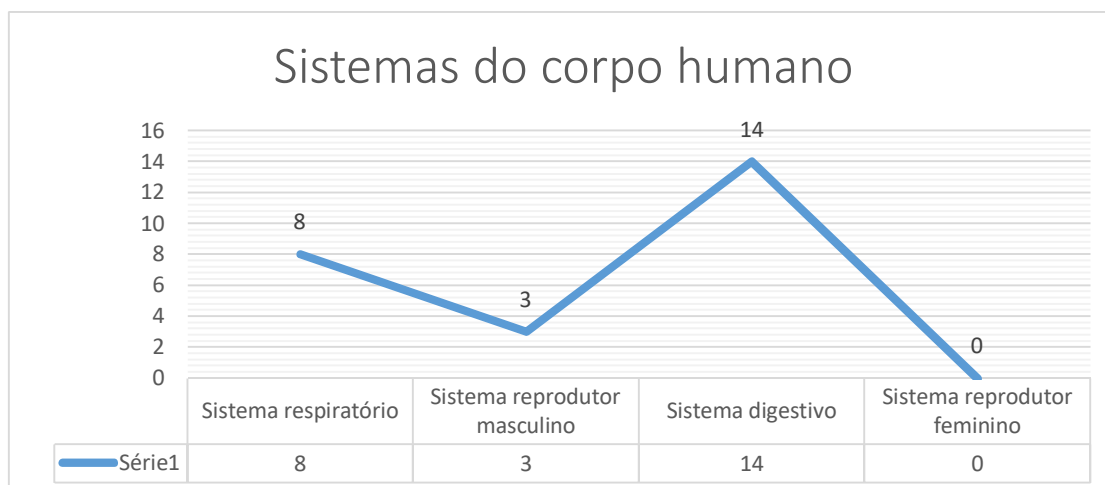


Gráfico 14 - Associação aos vários sistemas.

Com base nos dados recolhidos é possível constatar que estes foram os sistemas com menor número de respostas positivas, houve inclusivamente alunos que não atribuíram significado ao sistema reprodutor feminino. Fator que para mim, enquanto investigadora de um assunto ligado à Sexualidade, trata-se de uma questão que deverá ser analisada futuramente, de modo a obter possíveis justificações para tal.

Uma possível justificação para que tal tenha sucedido prende-se com o facto de os alunos poderem ter-se sentido envergonhados com as próprias representações, uma vez que associados aos respetivos sistemas temos imagens ilustrativas de uma vagina e um pénis. Outra questão que se prende com o desconhecimento por parte dos alunos tem que ver, mais uma vez, com as ilustrações propriamente ditas, pois estas representam os respetivos órgãos em fase adulta, portanto, segundo esta ótica, é perfeitamente aceitável que estes alunos desconheçam o que ocorrerá nos seus corpos, em fases futuras.

De todo o modo, uma pequena percentagem dos alunos (12%) foi capaz de identificar os órgãos representativos do sistema reprodutor masculino. Pela informação que me foi possível analisar, tenho o conhecimento que estes alunos pertencem ao sexo masculino⁹. Fator que se torna interessante, pois pelo menos

⁹ Constatação proveniente da observação e contacto diretos com os alunos em questão, aquando do preenchimento dos questionários.

esta pequena percentagem tem uma pequena ideia do que ocorrerá com o seu corpo em tempos futuros.

4.3. Escala de *Likert*

Quanto às questões que envolvem classificação em *Escala de Likert*, foram criadas as categorias abaixo apresentadas (Quadro 14), referentes à seguinte afirmação: **“O Miguel é casado com o Luís”**.

O Miguel é casado com o Luís	
Confortável	5
Mais ou menos confortável	2
Indiferente	2
Pouco confortável	0
Desconfortável	16

Quadro 14 - Categorias de resposta: "O Miguel é casado com o Luís."

Neste item os alunos deveriam assinalar com um **X** a situação que melhor traduzia a sua opinião. Assim sendo temos que a maior parte dos alunos, cerca de 64%, sentem-se desconfortáveis quanto a esta situação. Não lhes faz sentido que um homem seja casado com outro homem, portanto para estes alunos esta é uma situação pouco comum e como tal sentem-se desconfortáveis perante ela.

Com 19% temos a categoria Confortável. Nesta, cerca de cinco alunos demonstram estar bem perante esta situação. Isto demonstra que para estes alunos esta é uma situação natural, e, portanto, não lhes causa estranheza.

Quatro dos elementos, cerca de 16%, classificam-se perante esta situação de acordo com as seguintes categorias de resposta: Mais ou menos confortável e Indiferente. Ora, estas duas respostas remetem o leitor, de que dois destes alunos, não concordam nem discordam, portanto é-lhes indiferente esta situação e por isso adotam uma postura de neutralidade perante a afirmação em análise. Contudo outros dois alunos classificam esta situação como - Mais ou menos confortável – o

que indica que ainda não se sentem totalmente à vontade para lidar com a situação, contudo também não a descartam.

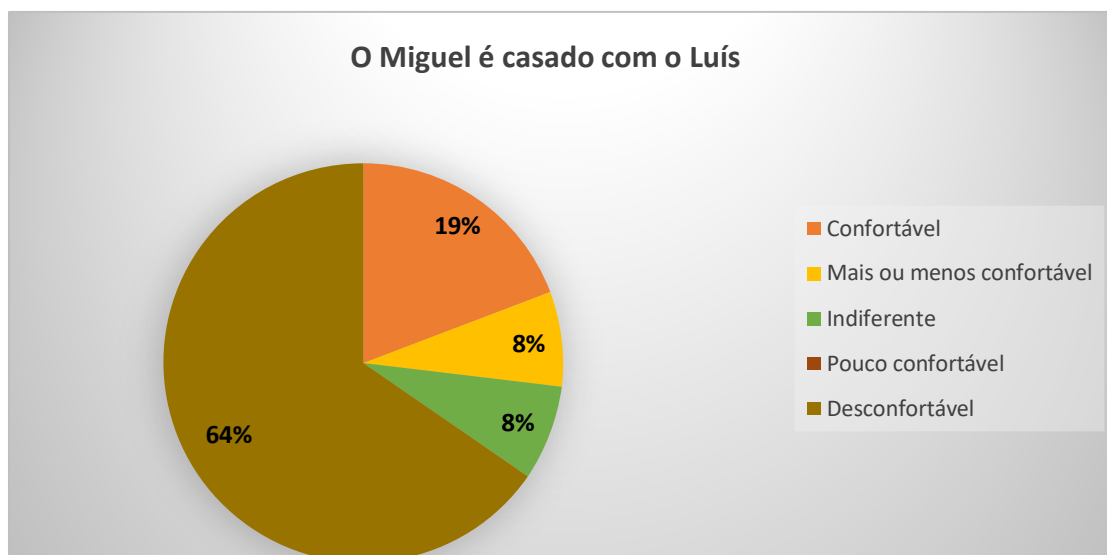


Gráfico 15 - O Miguel é casado com o Luís.

No que diz respeito ao segundo item de resposta, temos a seguinte afirmação: **“A Mariana namora com a Joana”**.

A Mariana namora com a Joana	
Confortável	4
Mais ou menos confortável	1
Indiferente	2
Pouco confortável	1
Desconfortável	17

Quadro 15 - Categorias de resposta: "A Mariana namora com a Joana."

Neste item as concepções dos alunos são claramente diferentes, porém mantém-se que a maioria não se identifica com esta situação, e como tal manifesta uma posição desconfortante. Apenas quatro elementos (16%) apresenta-se confortável com a relação homossexual presente na afirmação. Quanto aos

restantes: um elemento está mais ou menos confortável, dois deles assumem esta como uma situação que lhes é indiferente, portanto não têm ainda uma opinião formada quanto a este assunto e apenas um aluno revela-se pouco confortável quando abordado por esta questão.

De acordo com os resultados obtidos nitidamente observamos que a maioria prevalece desconfortável, como aliás anteriormente visto no outro item de resposta, o que me leva a crer que independentemente dos géneros em análise, os alunos não encaram a homossexualidade como algo “normal” ou comum do seu quotidiano, e como tal revelam ainda alguma perplexidade e desconhecimento quanto a estas questões.

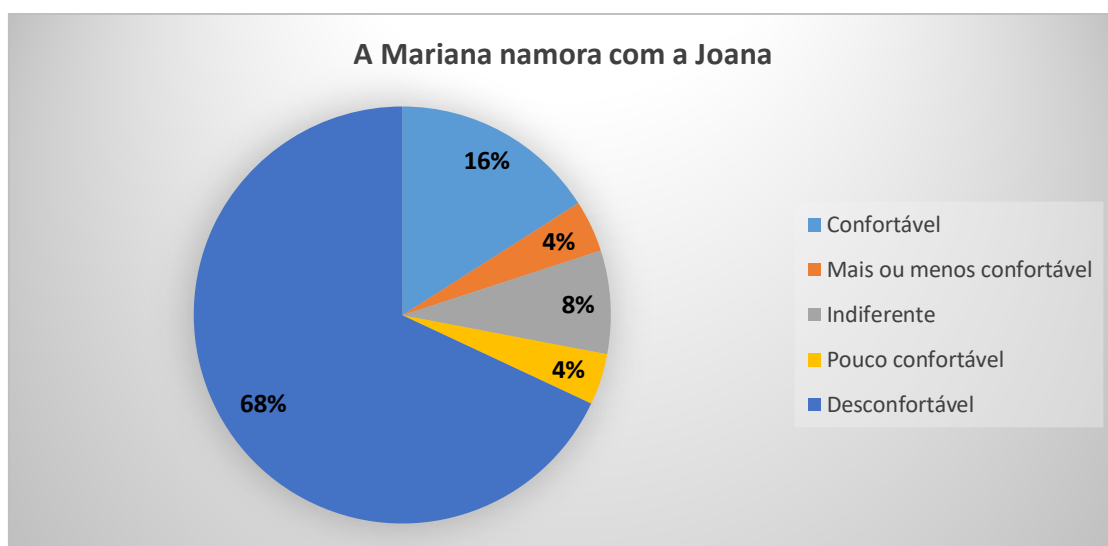


Gráfico 16 - "A Mariana namora com a Joana."

Como terceiro item da escala, temos a seguinte afirmação: **"A Marta namora com o João"**. Temos aqui presente uma situação mais comum à visão destes alunos, e como tal os resultados são igualmente distintos das duas situações verificadas anteriormente.

Como é possível observar pelo gráfico seguinte cerca de 92% dos alunos reagem a esta situação de forma confortável, para estes alunos esta é a relação de géneros que mais correta está de acordo com as suas vivências.

A Marta namora com o João	
Confortável	23
Mais ou menos confortável	0
Indiferente	2
Pouco confortável	0
Desconfortável	0

Quadro 16 - Categorias de resposta: "A Marta namora com o João."

Aqui é claramente marcada a opinião de quase toda a amostra em análise. Os restantes dois alunos colocaram-se numa posição de indiferença perante o item de análise, o que representa que estes alunos não têm qualquer opinião formada ou até mesmo concepções pré-estabelecidas quanto ao tipo de sexo/género devemos namorar, casar, enfim ter uma relação.

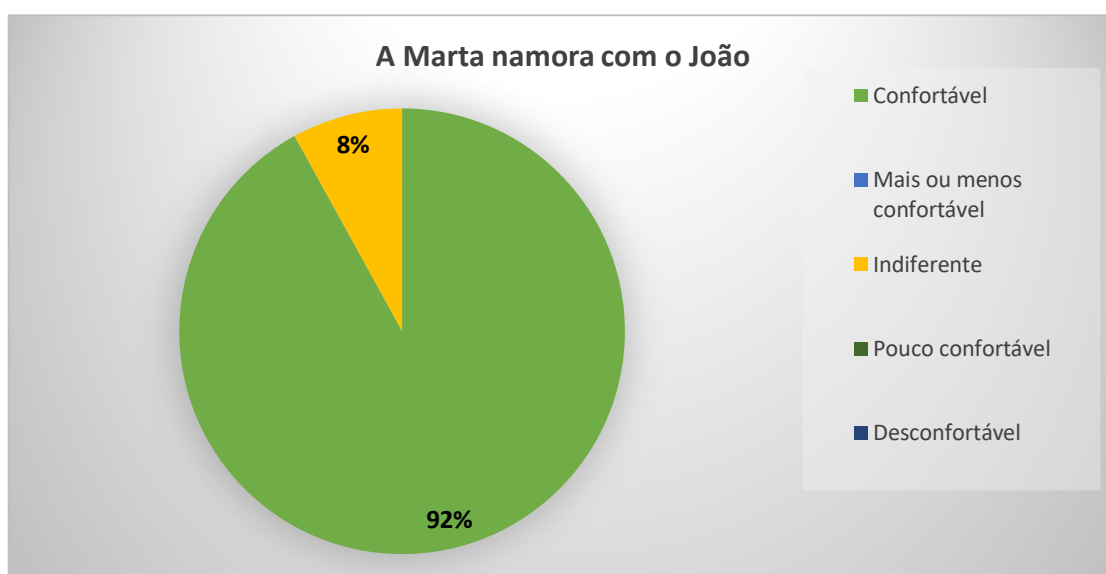


Gráfico 17 - A Marta namora com o João.

Com estas três afirmações é claro para todos nós, que a situação que menos estranha é aos olhos dos alunos está relacionada com a questão heterossexual. Nesta, temos inclusivamente respostas como por exemplo¹⁰:

¹⁰ Transcrição das respostas dos alunos retiradas dos questionários relativamente aos itens em análise.

“Porque formam um belo par”; “Porque as relações melhores são as relações de géneros diferentes”; “Porque as pessoas não podem namorar com uma pessoa do mesmo sexo/género”;

Isto vem, mais uma vez, comprovar que a maior parte destes alunos ainda não está preparada para a compreensão da homossexualidade, sendo que a sua grande parte inclusivamente desconhece que esses relacionamentos existam. Para aqueles que têm conhecimento deste tipo de relações temos algumas respostas como por exemplo:¹¹ “Porque o namoro de pessoas do género raramente namoram”; “Porque são gays e lésbicas”; “Porque meninas casadas com meninas não faz sentido, quanto mais os rapazes”; “Porque é nojento”; “São dois anormais.”; “Não gosto muito de gays.”

No quadro seguinte temos outras possíveis situações em que os alunos devem evidenciar a forma como se sentiriam caso tivessem de as abordar com os **seus meio familiar e escolar**. Esta é uma das questões bem interessantes deste questionário, pois revela muito acerca da forma como esta amostra atua perante a sua família e amigos.

	 Confortável	 Mais ou menos confortável	 Indiferente	 Pouco confortável	 Desconfortável
Conversar com os teus pais sobre a sexualidade.					
Conversar com os teus colegas sobre a sexualidade.					
Conversar com o teu professor sobre a sexualidade.					

Quadro 17 - Dialogo sobre a Sexualidade.

¹¹ Transcrição das respostas dos alunos retiradas dos questionários relativamente aos itens em análise.

Quanto à primeira situação: **“Conversar com os teus pais sobre a sexualidade.”**, tal como podemos observar pelo gráfico e quadro que se seguem este é um tema que se afigura complexo de ser abordado.

Conversar com os teus pais sobre sexualidade.	
Confortável	9
Mais ou menos confortável	2
Indiferente	1
Pouco confortável	4
Desconfortável	9

Quadro 18 - Categorias de resposta: "Conversar com os teus pais sobre sexualidade."

Temos que 24% dos alunos mostram-se confortáveis em abordar este assunto com os pais, no entanto para outros 36% já é considerado um tema desconfortável, pelo que as opiniões se dividem. Com uma percentagem menor, 16% consideram este um assunto pouco confortável para ter com os pais.

Com 4%, um dos alunos apresenta-se indiferente a este assunto e outro aluno pensa que este é um assunto mais ou menos confortável a abordar com os seus pais.

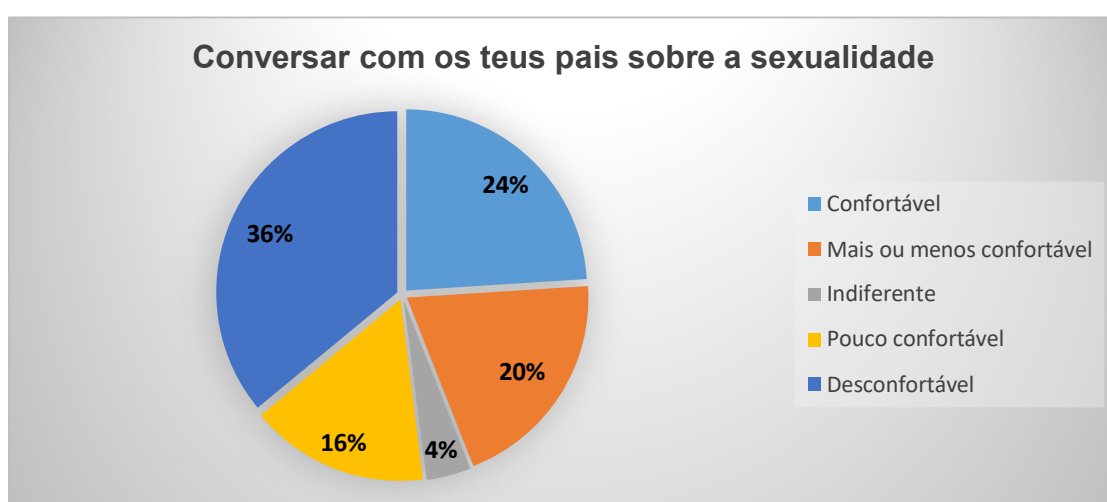


Gráfico 18 - "Conversar com os teus pais sobre a sexualidade."

No que diz respeito à segunda afirmação: **“Conversar com os teus colegas sobre a sexualidade.”**, temos que 32% dos alunos se mostram desconfortáveis em abordar estas questões com os seus colegas. 4% dos alunos assumem uma posição confortável e outros 4% consideram esta uma situação mais ou menos confortável. Um dos elementos têm uma posição neutra quanto a este assunto e, por fim, cerca de 2% dos alunos assumem esta uma questão em que se sentiriam pouco confortáveis de a abordar.

Conversar com os teus colegas sobre sexualidade.	
Confortável	10
Mais ou menos confortável	1
Indiferente	1
Pouco confortável	5
Desconfortável	8

Quadro 19 - Categorias de resposta: "Conversar com os teus colegas sobre sexualidade."

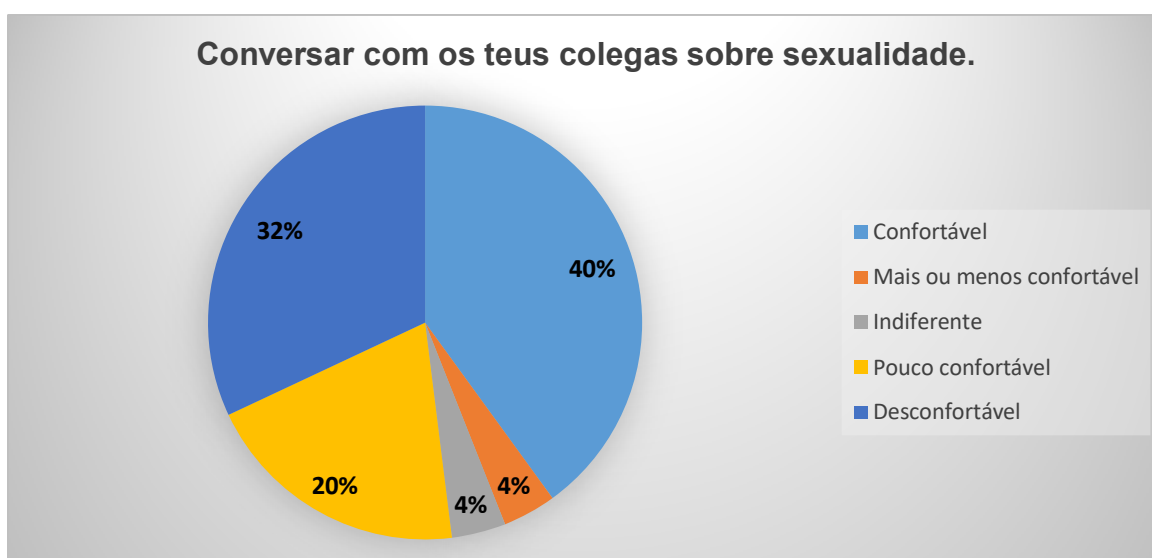


Gráfico 19 - "Conversar com os teus colegas sobre sexualidade."

Quanto à última situação: **“Conversar com o teu professor sobre a sexualidade.”**, temos que a maior parte dos alunos se sente mais disposto em ter este tipo de assuntos com o seu professor. 32% dos alunos, mais precisamente oito alunos, consideram esta uma posição desconfortável.

Um deles considera esta uma situação de indiferença, pelo que não tem ainda uma opinião formada a respeito deste assunto e, por fim, três alunos assumem-se pouco confortáveis em abordar esta questão com o seu professor.

Conversar como teu professor sobre sexualidade.	
Confortável	13
Mais ou menos confortável	0
Indiferente	1
Pouco confortável	3
Desconfortável	8

Quadro 20 - Categorias de resposta: "Conversar com o teu professor sobre sexualidade."

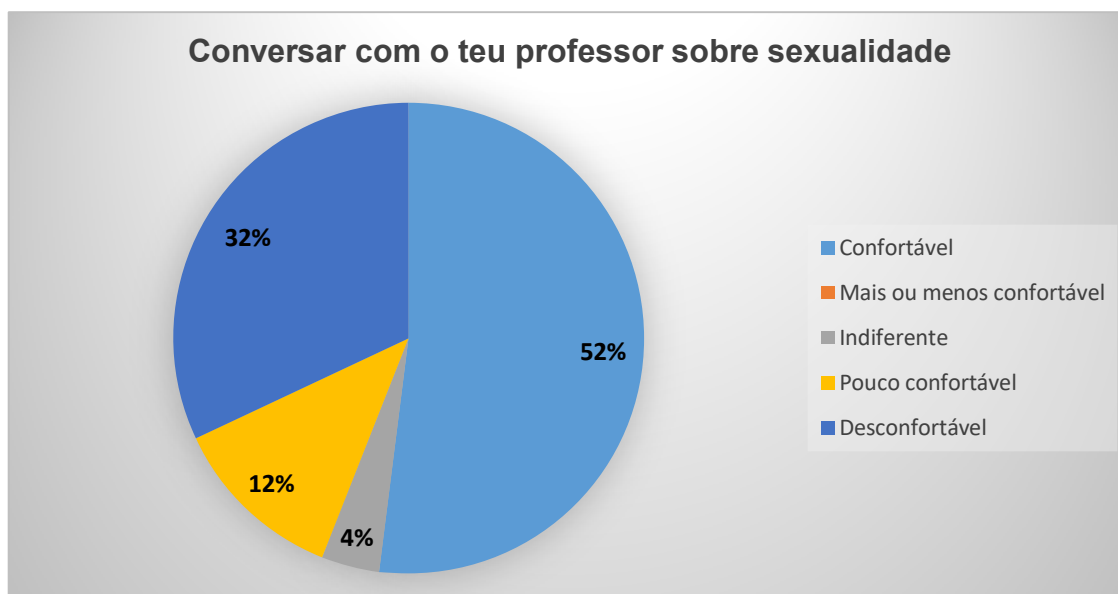







Gráfico 20 - "Conversar com o teu professor sobre sexualidade."

Em suma, esta questão prevê-se mais fácil de ser abordada conjuntamente com o professor destes alunos, com os restantes membros, pais e colegas, a situação complexifica-se, pois não há abertura para tal. Isto é possível compreender

a partir das respostas destes alunos, como por exemplo¹²: “Porque a sexualidade é desconfortável”; “Porque não é nada a ver com eles”; “Porque não consigo”; “Porque não gosto de conversar sobre isso”; “Porque com os meus pais não faz muito sentido com os colegas faz mais”; “Porque há mistura dos géneros”.

Na questão que se segue, é solicitado aos alunos que posicionem a sua opinião quanto à seguinte afirmação: “A Cláudia gosta muito de brincar com carros de corrida, já o Samuel prefere brincar às bonecas.”.

 Confortável	 Mais ou menos confortável	 Indiferente	 Pouco confortável	 Desconfortável

Quadro 21 - Atividades associadas ao género.

Esta é outra questão que, tendo em conta as transcrições das respostas dos alunos, levantou uma série de conceções diferentes umas das outras.

Aqueles alunos que não consideram esta uma situação comum explicam as suas ideias da seguinte forma¹³: “Porque não está correto”; “Porque o menino está a brincar com coisas de menina”; “A Cláudia tem razão porque brincar às bonecas é muito feio para os meninos”; “Porque assim podem entrar em luta”, entre outros.

No entanto aqueles alunos que se encontram numa posição mais equilibrada quanto a este tema, dizem o seguinte: “Não faz mal”; “É confortável”; “É normal”; “Todos têm os seus gostos”.

¹² Transcrição das respostas dos alunos retiradas dos questionários relativamente aos itens em análise.

¹³ Transcrição das respostas dos alunos retiradas dos questionários relativamente aos itens em análise.

Assim sendo, temos que 52% dos alunos não têm qualquer tipo de problemas quanto às diferenças apresentadas no enunciado. No entanto 32% considera esta uma situação pouco fora da normalidade e por essa razão assume uma posição desconfortável quanto ao assunto em análise. Com 12% temos que três alunos se sentem pouco confortáveis quanto a esta situação e com a mesma percentagem outros três alunos encontraram uma posição mais ou menos confortável face ao assunto em análise. Por fim, apenas um aluno coloca-se indiferente, portanto não confirma nenhuma posição ou juízo de valor.

“A Cláudia gosta muito de brincar com carros de corrida, já o Samuel prefere brincar às bonecas.”	
Confortável	13
Mais ou menos confortável	0
Indiferente	1
Pouco confortável	3
Desconfortável	8

Quadro 22 - Categorias de resposta: “A Cláudia gosta muito de brincar com carros de corrida, já o Samuel prefere brincar às bonecas.”

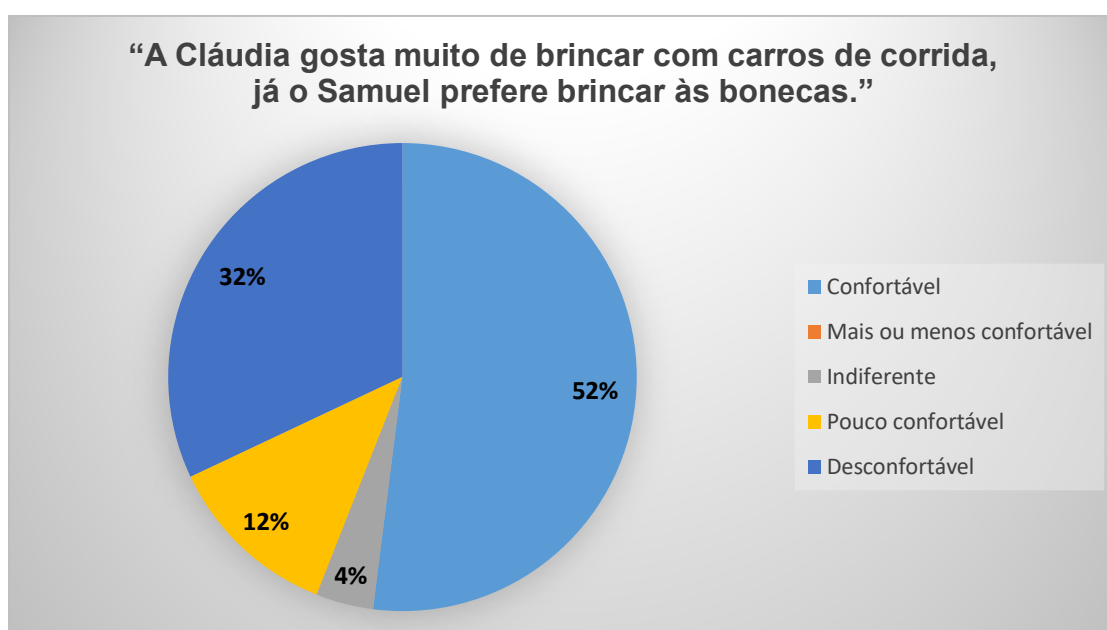




Gráfico 21 - “A Cláudia gosta muito de brincar com carros de corrida, já o Samuel prefere brincar às bonecas.”

Quanto à última atividade relacionada com a escala em questão temos as seguintes afirmações. Aqui, à semelhança de atividades anteriores, os alunos devem definir a forma como se sentem tendo em conta as situações indicadas, no quadro que se segue.¹⁴

	 Confortável	 Mais ou menos confortável	 Indiferente	 Pouco confortável	 Desconfortável
O XPTO está apaixonado por alguém do mesmo sexo que ele.					
O XPTO está apaixonado por alguém do sexo oposto ao seu.					

Quadro 23 - Conceções associadas ao género.

Como podemos verificar de acordo com o gráfico que se segue, n.º 22, a maior parte dos alunos continua apresentando-se de modo desconfortável quanto à situação de homossexualidade em análise: **“O XPTO está apaixonado por alguém do mesmo sexo que o seu.”**

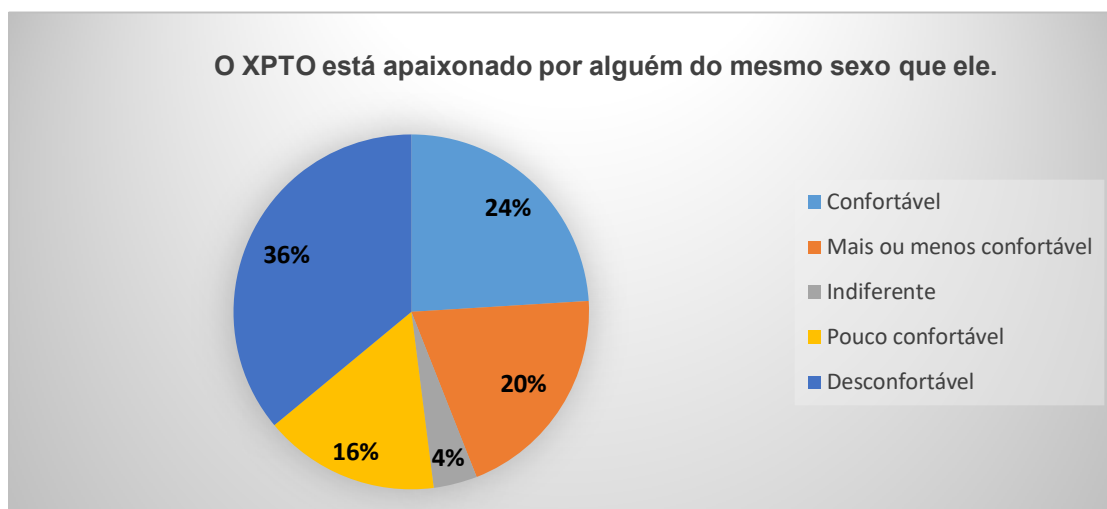


Gráfico 22 – “O XPTO está apaixonado por alguém do mesmo sexo que o seu.”.

¹⁴ Alguns elementos não atribuíram significado a este conceito, pois revelaram alguma instabilidade na realização desta última parte, como tal foram convidados a entregar os seus questionários.

Com 35% temos os elementos que consideram esta uma situação normal do ponto de vista das relações amorosas. Três dos alunos mostra-se estar pouco confortável, um deles vê esta situação como indiferente, logo ainda não tem uma opinião formada quanto ao assunto em análise e por fim, cerca de dois elementos consideram estar mais ou menos confortáveis perante este assunto.

Quanto à segunda afirmação: **“O XPTO está apaixonado por alguém do sexo oposto ao seu”**, temos que a maior parte dos alunos (96%) encara, de acordo com o gráfico 23, esta situação de forma confortável, este facto advém da situação por eles vivida e pelo facto de não se depararem com situações de homossexualidade em suas casas. Com apenas 4% temos um elemento que afirma que esta é uma situação que os deixa indiferente. Este aluno pode sentir algum constrangimento em lidar com estas questões e por esta razão opta por este item à escola de *Likert*.

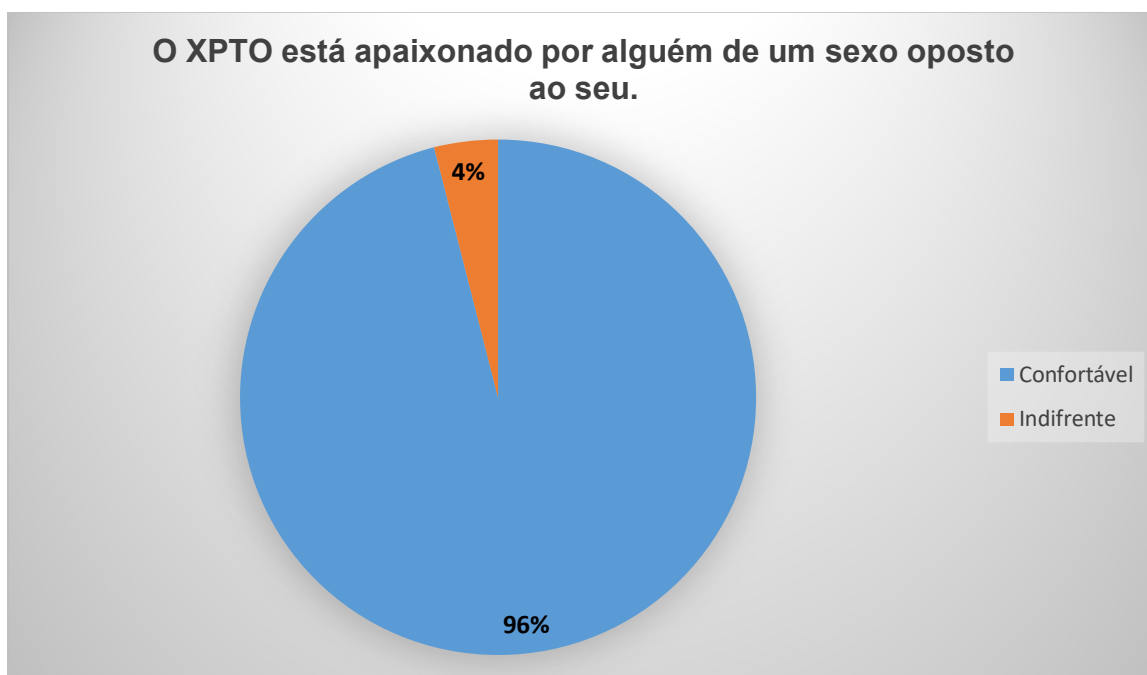


Gráfico 23 - O XPTO está apaixonado por alguém do sexo oposto ao seu.”.

Depois, analisa-se a questão posterior, na qual os alunos identificam três palavras que pensam estar associadas à sexualidade. Abaixo apresento as

palavras seguidas dos seus significados, sendo que este quadro foi disponibilizado no questionário.

Respeito – Tratar o outro com consideração e justiça.	
Prazer – Estado de satisfação.	
Fidelidade – Qualidade daquele que é leal ao outro.	
Amor – Sentimento de afeição por uma pessoa ou alguma coisa.	
Beleza – Qualidade daquele que é formoso, lindo, agradável.	
Autoestima – Ato de gostar de si próprio.	
Liberdade – Agir livremente, respeitando sempre o espaço do outro.	

De acordo com o gráfico que se segue, temos a oportunidade de verificar quais dos aspetos nele mencionado, é mais ou menos relevante aos alunos. Para tal foi solicitado aos alunos que assinalassem com **X** os atributos que para si eram mais relevantes.

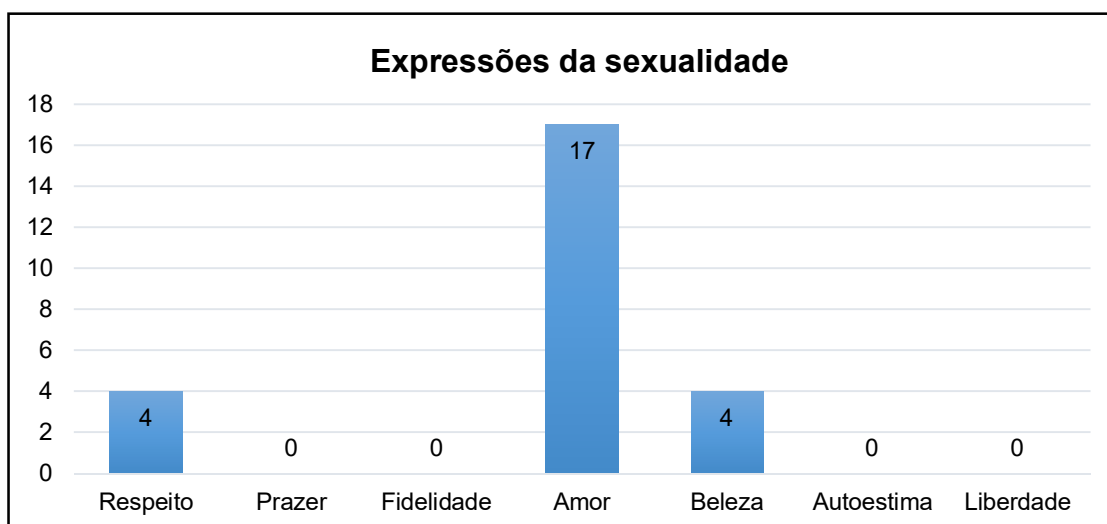


Gráfico 24 - Atributos Sexualidade.

Como conseguimos perceber através dos dados apresentados no gráfico 24, a maioria dos alunos considerou que o “amor” é a expressão que mais associam á

sexualidade, por outro lado houve também quem considerasse o “respeito” e a “beleza” como aspetos associados à sexualidade. Estes aspetos foram considerados pelos alunos como sendo é algo importante num relacionamento.

CAPITULO V – CONCLUSÕES

Este capítulo é composto por quatro pontos: 5.1. que pretende dar resposta à questão de investigação, o ponto 5.2. que apresenta as limitações da investigação, o terceiro ponto (5.3.) que sugere alguns pontos a melhorar para futuras investigações e por fim, o ponto 5.4. que faz um balanço de todo este percurso.

5.1. Resposta à questão de investigação

- Que concepções evidenciam alunos do 1.º ciclo sobre Educação Sexual e Sexualidade.

Tal como refere Allen (2008), concluído por Money (1955), em um dos seus estudos sobre hermafroditas, vários são os elementos definidores do sexo, leia-se elementos cromossomáticos, gonodais, hormonais, entre outros. Porém, defendido pelo mesmo autor, a educação é o único vínculo que correlaciona a sexualidade com a identidade de género que este adquire na vida adulta.

Baseada nestas considerações e com base na informação recolhida e analisada formulei algumas concepções acerca das ideias predefinidas dos alunos acerca de assuntos como a Sexualidade, a Educação Sexual e o Sexo.

Tendo em conta que este é um estudo de caso, torna-se subjetiva, ou mesmo impossível a generalização de qualquer tipo de padrão. Por outro lado, creio que a idade destes alunos ainda não lhes permite ter uma compreensão alargada acerca dos assuntos em estudo. O facto de, em termos familiares, ainda não estarem “aptos” para receber informação deste género, pode ser um dos fatores que contribuiu fortemente para a falta de bom senso na construção das respostas obtidas. Contudo todas as respostas obtidas foram geradas pela espontaneidade e naturalidade que só as crianças são capazes de transmitir.

Primeiramente, com base nas respostas obtidas, tendo a definir que há um padrão muito comum na maior parte dos alunos (masculino) desta turma. Este padrão é formado, na minha opinião, pelo facto destes alunos sentirem a necessidade de impor as suas capacidades físicas em relação às raparigas. Ora, esta não é de todo uma novidade, porém salienta-se o facto da segurança que

estes alunos sentem por terem nascido sob o sexo masculino. Há claramente uma diferenciação no que diz respeito ao “mundo” masculino em comparação com o “mundo” feminino.

Estes alunos, salvo raras exceções, não encaram com naturalidade as relações homossexuais, para eles trata-se de algo “*nojento*” e “*anormal*”, como se de uma disfunção se tratasse.

Acreditam também que estão em vantagem em relação às raparigas, afirmando mesmo que as suas atividades estão num patamar acima em relação às atividades realizadas por estas, como por exemplo, passo a citar: “*brincar às bonecas é uma treta*”, “*as bonecas são feias*”, “*brincar às bonecas é coisa de meninas*”.

Uma das questões presentes no questionário prende-se com o fato do à vontade sentido quando hipoteticamente tivessem de conversar sobre os assuntos de carácter sexual com os familiares. A maior parte destes alunos sente-se desconfortável ao imaginar uma situação parecida, não sentem à vontade de debater, ainda que informalmente, estes assuntos com os pais. Isto diz-me que para eles seria até confortável, um dia mais tarde, abordar este assunto, contudo muito provavelmente não o farão, pois não sentem que o devem fazer com os seus pais. Surpreendentemente esta situação altera-se drasticamente quando o destinatário desta informação são os professores. Dada a análise realizada, grande parte dos alunos, teria vontade e o à vontade para abordar este tema com os seus educadores/professores.

Concluindo, claro que todas as respostas foram tidas em consideração para a elaboração da resposta a este relatório, por esta razão não há a necessidade de as discriminar, uma por uma, nesta secção.

A resposta que formulei com base todo este estudo é que estes alunos têm uma grande tendência a perspetivar este assunto como algo negativo. Muitos deles claramente não têm quaisquer ideias sobre este tema, o que se prevê como algo natural, tendo em conta as suas idades, no entanto muitos outros acabaram por limitar as suas opiniões com respostas negativas, respostas estas que perturbam qualquer leitor com uma visão minimamente esclarecida e aberta em relação à Sexualidade.

Com isto, reforço novamente a vontade de ver implementado, desde o 1.º ciclo de estudos, uma área que se responsabilize por dar informação, assistência e que como isto seja capaz de clarificar e facilitar a construção de novas conceções acerca do tema em estudo. Caso contrário, não estaremos formando cidadãos responsáveis pelos seus pensamentos, pois estes outrora foram manipulados, nem cidadãos que valorizem o respeito pelo outro.

5.2. Limitações da investigação

Este estudo admite alguns *handycaps* na forma como foi construído e aplicado aos alunos. Em primeiro lugar, os questionários sofreram imensas alterações desde a sua fase inicial até à fase final, pois houve sempre a necessidade de refazer algumas das suas partes, com vista o seu melhoramento.

Este inquérito por questionário deveria ter sido analisado e avaliado por alguém perito na área, para que posteriormente o pudesse validar. Esta é uma limitação detetada desde muito cedo, alertada inclusive pela orientadora, porém por questões ligadas com a minha gestão pessoal, tornou-se impossível de concretizar.

Por vários momentos senti dificuldade na sua construção, pois tinha a tendência a juntar demasiadas informações, como por exemplo informações do quotidiano do aluno, da família, entre outras, muitas delas irrelevantes para este estudo em particular.

Por outro lado, ao invés de simplificar todo o processo, optando por questões claras e objetivas, adequadas à idade dos participantes, dificultei esta questão por ter apenas prestado atenção ao produto final e não ao desenvolvimento atento de todas as partes que integram este questionário. Exemplo disto é o facto de incluir vocábulos que se tornavam repetitivos aos alunos e pouco adequados às questões que pretendia fazer, isto causava uma leitura exaustiva e conseqüentemente poderia submeter o pensamento do aluno a múltiplas respostas que não tinham como foco a resposta à questão propriamente dita.

Outra questão que, apesar de ambígua, poderia ter facilitado a interpretação de determinadas questões prende-se com a técnica desenho. Concluo que poderia

ter obtido respostas mais claras se de algum modo tivesse cativado mais a atenção dos alunos.

Em determinados momentos estes manifestaram pouco interesse na execução do pedido. Este fator pode advir por variadas razões, seja pela extensão dos questionários, seja pela energia investida à sua realização.

Como anteriormente referido as versões sofreram algumas alterações, facto que dificultou os meus planos iniciais, que eram os de implementar cada uma das partes em dias distintos, exatamente para não os sobrecarregar com tamanha quantidade de trabalho. Porém por motivos ligados com a própria gestão de sala de aula e com as atividades de fim de ano letivo, não foi possível implementá-los com algum tempo de diferença entre cada uma das partes.

O material foi preenchido pelos alunos em apenas um só dia, facto que pode enviesar os resultados, pois os alunos não estariam com a mesma vontade e disposição em concretizá-los em apenas um dia. Ainda assim, a maior parte deles cumpriu a sua tarefa totalmente.

Concluindo, o fator que considero mais comprometedor na implementação do questionário foi de facto a questão da proximidade temporal com que estes foram realizados, claramente a responsabilidade por tal ter ocorrido desta forma é exclusivamente minha, pois por vários momentos fui alertada, no entanto por questões ligadas com o ritmo do meu trabalho e a própria gestão pessoal do meu tempo impossibilitaram uma conclusão mais consistente, assertiva e bem elaborada desta investigação.

Contudo, devo ressaltar que apesar das dificuldades sentidas e evidenciadas anteriormente, o material foi administrado em tempo útil e na sua melhor forma, ou seja, de acordo com uma estrutura que facilitasse a sua leitura e preenchimento por parte dos alunos.

5.3. Sugestões para futuras investigações

As sugestões que considero úteis sendo este um ponto de partida para eventuais investigações passam, na sua maioria, pelas limitações detetadas no ponto anterior.

Para tal proponho a inclusão de mais material de análise, leia-se como entrevistas, apontamentos do professor provenientes da observação das atitudes dos alunos, uma boa gestão do tempo, tendo em conta o fator cansaço dos alunos e, aquele que de todos considero o mais importante passa por uma entrevista ou mesmo um questionário aplicado aos pais.

Uma opção que faria toda a diferença no impacto causado aos alunos no que diz respeito ao preenchimento dos questionários teria sido a implementação de um pré-teste a uma outra turma do mesmo ano letivo. Esta opção ter-me-ia sido útil, pois pouparia eventuais mal-entendidos no que diz respeito à sua interpretação.

Esta investigação poderá ainda ser enriquecida futuramente com uma análise multi casos, na expectativa de compreender se existem situações em que se possa comparar ou, por outro lado, se simplesmente as situações dissociam-se de caso para caso.

É ainda possível avançar para um outro nível de investigação se o investigador se propuser à construção de conceções nos alunos, é algo que requer muito esforço na sua realização, e uma intervenção assídua e presente com o aluno, todavia a sua conclusão será certamente satisfatória e de grande interesse.

Como opção a estas sugestões, é igualmente possível realizar uma extensão a esta investigação com alunos de outras turmas, de outras escolas, ou mesmo de outros anos escolares, sejam eles mais avançados ou do mesmo ano de estudos. Neste caso é possível obter uma quantidade e qualidade muito grande quanto ao material obtido. A partir deste, as conclusões serão mais que muitas e já se torna possível estabelecer ligações, comparações ou dissociações quanto à amostra estudada.

5.4. Considerações finais

Neste ponto faço uma breve reflexão acerca de todo este estudo, nomeadamente as aprendizagens construídas, visando num futuro o estudo de um terceiro ciclo de estudos.

Em primeiro lugar, este estudo foi realizado por mim, que me assumo como mestranda em educação, mas também com o auxílio fundamental de uma investigadora na área das Ciências, conhecedora dos aspetos do Pensamento Crítico.

O apoio desta orientadora foi importantíssimo para o desenvolvimento e concretização deste estudo, pois em todos os momentos de dificuldade foi capaz de orientar este trabalho sob um ponto de vista crítico e para além disso sempre se preocupou em focar os aspetos, nomeadamente na construção às perguntas do questionário, que me pudessem fornecer mais e melhores informações acerca dos alunos. Com isto concluo que a sua orientação foi uma mais valia na concretização deste trabalho.

No que concerne à fase da construção do questionário, sendo este o material mais importante do meu estudo, este foi difícil de concretizar, sendo que existiram cerca de 3 versões até conseguir obter o produto final. Obviamente esta é uma situação comum para quem nunca havia construído algo deste género, porém com isto pretendo apenas informar que este foi um processo progressivo, com algumas falhas no seu percurso, felizmente colmatadas com o trabalho investido e com a orientação recebida.

Apesar das informações referidas anteriormente este é um estudo que me deu uma grande satisfação, pois para além de ser um tema pelo qual me interessa muito, foi um primeiro passo para poder compreender o que na prática realmente acontece, neste caso ser possível compreender o que outro alguém pensa acerca de um determinado assunto significa para mim alcançar aspetos profundos e íntimos aos quais nem todos têm acesso.

Deste estudo retiro uma grande aprendizagem, a de que nem sempre as nossas conceções podem ser estendidas a todos. Numa fase inicial, antes da implementação dos questionários, tinha ideia que os alunos não tivessem opiniões

tão contundentes acerca deste estudo, ou sequer que tivessem opiniões, afinal são alunos muito jovens, para os quais estes assuntos são desconhecidos, logo não teriam opiniões formadas.

Surpreendentemente pude verificar que de facto muitos deles não têm a mínima opinião acerca deste assunto, no entanto a maior parte deles, em especial os alunos do sexo masculino são extremamente fechados e negativos quanto às suas opiniões.

São alunos que desde cedo, pelo que pude constatar, não aceitam que o sexo oposto se interesse pelos mesmos passatempos que eles, que não aceitam nem conseguem compreender o relacionamento entre sexos iguais, sendo este último um facto que inclusivamente lhes causa aversão e repulsa.

Pude constatar também que se consideram como o sexo forte, seja em termos físicos, mas também em termos intelectuais, aliado à inteligência, enfim, uma série de informações, às quais podemos ter acesso no capítulo resultados, que causa ao leitor alguma estranheza, o que, para mim, não é compreensível, sendo que estes alunos em especial têm boas bases familiares, logo um acesso infinito à informação.

Por fim, o balanço que faço de todo este percurso, nomeadamente a Prática Pedagógica Supervisionada e o Seminário de Investigação Educacional é muito positivo, pois deu-me a oportunidade de trabalhar com pessoas com atuação direta na área pedagógica, sendo que me refiro em especial ao docente titular da turma, o Professor Carlos Cruz, uma pessoa muito acessível, profissional e com um jeito incrível para lidar com os mais pequenos.

A oportunidade de trabalhar com pessoas com imensa capacidade e competência para de facto orientar, foi essa orientação que fez com que esta investigação tenha sido possível de concluir, ressalto aqui o auxílio e disponibilidade da Professora Celina e também o positivismo e a leveza com que a minha colega de estágio encarou todo este percurso. Apesar de termos uma relação extremamente profissional é uma pessoa que me ajudou no sentido de enfrentar um novo dia da forma mais calma e positiva possível.

Este é um tema que não se esgota e para mim esse é o desafio da Educação Sexual: há sempre o que fazer, há sempre o que mudar, há sempre o que

(des)construir e por essa razão é algo que gostaria que fosse mais trabalhado e que tivesse uma posição efetiva no currículo escolar português.

Apesar das evidências positivas, há que destacar que existiram pontos que considero desfavoráveis, ou pelo menos, que agora os faria de forma diferente, como é o caso do inquérito por questionário. Imensa da informação nele presente era desnecessária, como por exemplo a Parte I – Caracterização da turma, são dados que a curto e longo prazo não se destacaram como parte fundamental para as conclusões que obtive. É-me difícil, diria até contraproducente basear-me nessas informações para justificar qualquer pensamento menos adequado do aluno, por essa razão não considero que tenha sido uma mais valia.

Após a conclusão deste estudo, considero necessária outra investigação, no âmbito da Investigação-Ação (I-A), para que possa concluir algo mais efetivo, para que se reconstruam outras conceções e para que seja possível mudar algumas perspetivas erradas, que já não têm lugar na sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação para o Planeamento da Família. (s.d.). Educação Sexual. *Quadro ético*. Retirado a 13 janeiro 2016, de <http://www.apf.pt/educacao-sexual>

Associação para o Planeamento da Família. (s.d.). Educação Sexual. *Etapas do Desenvolvimento Sexual*. Retirado a 16 janeiro 2016, de <http://www.apf.pt/sexualidade/etapas-do-desenvolvimento-sexual>

Anastácio, Z., Carvalho, G. & Clément, P. (2005). *Concepções dos professores de 1.º CEB sobre o contributo da Educação Sexual para a Promoção da Saúde e sua relação com a formação*. In Atas do 2.º Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde – Novos Modelos de Análise e Intervenção. Braga: Universidade do Minho.

Anastácio, Z., Carvalho, G. & Clément, P. (2008). *Concepções dos Professores de 1.º CEB sobre o Contributo da Educação Sexual para a Promoção da Saúde e sua Relação com a Formação*. In Pereira, B. & Carvalho, G.S. *Atividade Física, Saúde e Lazer: Modelos de Análise e Intervenção*. Lisboa: LIDEL.

Allen, L. (2008). “They Think You Shouldn’t be Having Sex Anyway”: Young People’s Suggestions for Improving Sexuality Education Content. *Sexualities*, 11(5), 573–594. Retirado de <http://sex.sagepub.com/content/11/5/573.abstract>. doi: 10.1177/1363460708089425

Anastácio, Z; Carvalho, Graça; Clément, Pierre. 2009. *Concepções de Professores de 1.º CEB sobre o Contributo da Educação Sexual das Crianças para a Promoção da sua Saúde Futura*. In Saúde, Educação e Representações Sociais

– Exercícios de diálogo e convergência, ed. M. Lopes, F. Mendes & A. Moreira , 233 - 251. ISBN: 978-989-8269-04-1. Coimbra: Formasau.

Alain, B., (1973). *Dicionário das Ciências Sociais*. Lisboa: D. Quixote

Allen, L. (2008). “They Think You Shouldn’t be Having Sex Anyway”: Young People’s Suggestions for Improving Sexuality Education Content. *Sexualities*, Vol 11(5), p. 573–594.

Berge, A., Neill, A., Spock, B. & Makarenko, A. (1970). *Diálogo: Educação Sexual*. 2.^a Edição. Lisboa: Publicações D. Quixote. ISBN: CDU 613.88

Berge, A. (1973). *A Educação Sexual da Criança*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Bearzoti, Paulo (1994). *Sexualidade um conceito Psicanalítico Freudiano*. Disponível em: <http://docplayer.com.br/21505658-Sexualidade-um-conceito-psicanalitico-freudiano-paulo-bearzoti.html>

Coutinho, C., (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. 2.^a. Lisboa: Almedina.

Campos, B. (1992). Vinculação e autonomia na relação dos adolescentes com os pais. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 4, 57-64.

De Vecchi, G. & Giordan, A. (2002). *L’enseignement scientifique – Comment faire pour que «ça marche?»*. Paris: Delagrave Édition.

Dias, A. (2002). *Educação da Sexualidade no dia-a-dia*. Prática Educativa. Braga: Edições Casa do Professor.

Dias, A., & Rodrigues, M. (2009). *Adolescentes e sexualidade*: Contributo da educação, da família e do grupo de pares adolescentes no desenvolvimento da sexualidade. *Revista Referência*, 10, 15-22. Retirado de https://www.esenfc.pt/v02/pa/conteudos/downloadArtigo.php?id_ficheiro=881&codigo= .doi: 10.12707/RIV14083

Decreto Lei nº 3/84 de 24 de Março. Diário da República - I Série A. Assembleia da Republica. Lisboa.

Decreto Lei nº 60/2009 de 6 de Agosto. Diário da República nº 151 - I Série A. Assembleia da Republica. Lisboa.

Decreto Lei nº 120/99 de 11 de Agosto. Diário da República nº 186 - I Série A. Assembleia da Republica. Lisboa.

Eduardo da Silva. (2015). *O Experimento de Lilly*. Retirado a 16 janeiro 2016, de <https://eduardolbm.wordpress.com/2014/11/10/o-experimento-de-lilly/>

Frade, A., Vilar, D., Alverca, C. & Marques, A. (2010). *Educação Sexual na escola: guia para professores, formadores e educadores*. 8.ª Edição. Lisboa: Texto Editora.

Freud, S. *Edição stantard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 1976. In: BEARZOTI, Paulo. *SEXUALIDADE: UM CONCEITO PSICANALÍTICO FREUDIANO*. São Paulo, 1994. p. 1.

FADEUP. (2012). *Freud e Erikson – Teorias e estádios do desenvolvimento*. Disponível em: <http://psicologiad27.blogspot.pt/2012/06/blog-post.html>

Furlani, J. (2011). Educação Sexual na Sala de Aula. Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Câmara Brasileira do Livro. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:GO6lO-cJOc0J:https://issuu.com/grupoautentica/docs/educacao_sexual_na_sala_de_aula_-+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt

Gomes, Romeu. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Revista Latino Enfermagem*. 8, (2), 18 – 24. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/viewFile/1444/1478>

GTES (2007). Relatório Progresso. Disponível em: <http://www.dgidc.min-edu.pt/EducacaoSexual/Relatorio%20progresso.pdf>

Haffner, D. (2005). *A Criança e a educação sexual*. Lisboa: Editorial Presença.

Yin, R. (1989). *Case study research: Design and methods* (Rev. ed.). Beverly Hills, CA: Sage Publishing.

Leurs, M., Bessems, K., Schaalma, H., & Vries, H. (2007). Focus points for school health promotion improvements in Dutch primary schools. *Health Education Research*, 22(1), 58–69.

Lejeune, C. (1980). *A Educação Sexual na Escola*. Lisboa: Editorial Estampa.

Manzato, A. & Santos, A. (2012). A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa. Retirado a 30 março 2016, de http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:AKBHHy_6j2MJ:www.inf.ufsc.br/~verav/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf+&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt

Machado, C. (s.d). Educação para a Sexualidade: *Uma urgente necessidade nacional*. Retirado a 15 janeiro 2016, de http://www.fpccsida.org.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=134&Itemid=206

Marola, Caroline (2011). Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicologia da Educação*. 33, (2), 95 – 18. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n33/n33a06.pdf>

Merriam, S. (1988). *Case study research in education: A qualitative approach*. San Francisco, CA: Jossey--Bass.

Ministério da Educação, Direção Geral da Saúde (2001). *Promover a Saúde da Juventude Europeia*. Disponível em: <http://moodle.coimbrasul.pt/mod/resource/view.php?id=9124>

Nova Escola (2011). Vygotsky e o conceito de aprendizagem mediada. Retirado a 16 janeiro 2016, de <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/vygotsky-conceito-aprendizagem-mediada-636187.shtml>

OMS. (2001). Saúde Mental: nova conceção, nova esperança. *Relatório sobre a saúde no mundo*. Disponível em: <http://repositorio.esenfc.pt/private/index.php?process=download&id=11458&code=120992010>

Piscalho, I., Serafim, I., & Leal, I. (2000). Representações sociais da educação sexual em adolescentes. Actas do 3.º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. Lisboa: ISPA.

Piaget, J. (1978). *Seis Estudos de psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Reis MH, Vilar D. A implementação da educação sexual na escola: Atitudes dos professores. *Análise Psicológica*. 2004; 22(4): 737-745.

Ramiro, L., (2013). *A Educação sexual na mudança de conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais dos adolescentes*. Tese de Doutoramento. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. <http://hdl.handle.net/10400.5/5862>

Rodrigues, M. (2005). Grupo de Trabalho sobre Educação Sexual Relatório Preliminar. Retirado de http://www.netprof.pt/pdf/Relatorio_EduSexual.pdf

Sánchez, F. L. Educación Sexual, 1990. In: VILAÇA, Teresa. Ação e competência de ação em educação sexual: *uma investigação com professores e alunos do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário*. Minho, 2006. s.p.

Schnack, K. Internationalisation, democracy and environmental education, 1996. In VILAÇA, Teresa. Ação e competência de ação em educação sexual: *uma*

investigação com professores e alunos do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário. Minho, 2006. s.p.

Shaw, F., (1999). *Qualitative Evaluation*. London: Sage Publications.

Souza, C. (2011). *Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes.
Disponível em: https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=PtUbBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=souza+2011+conhecimento&ots=5N5HemHXYO&sig=38sQrH9fJCkdpXT1yYWFEGDy7ss&redir_esc=y#v=onepage&q=souza%202011%20conhecimento&f=false

UNESCO. (2009). *International Technical Guidance on Sexuality Education. An evidence-informed approach for schools, teachers and health educators*, I, 13-15. Retirado de <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:tAvsWiwUYvMJ:unesdoc.unesco.org/images/0018/001832/183281e.pdf+&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>

Vilaça, T. (2006). *Acção e competência de acção em educação sexual: uma investigação com professores e alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário*. Doutoramento em Educação, Área de Conhecimento de Metodologia em Ensino das Ciências. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia. Retirado a 15 janeiro 2016, de https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/.../1/TD_TVilaca05Dez.pdf



Vilar D, Ferreira PM e Duarte S. A educação sexual dos jovens portugueses - conhecimentos e fontes. *Educação Sexual em Rede*. 2009; 5: 2-53.

ANEXOS






Inquérito por questionário – Parte I

Olá! Preciso da tua ajuda 😊! Para obter informação para caracterizar a turma, responde a cada uma das seguintes questões.

Para cada item assinala com uma cruz no quadro que traduz o teu caso. Preenche as informações abaixo indicadas, assinalando com **X** o género a que pertences, o ano de escolaridade que frequentas e a tua idade.

Género	 Masculino		 Feminino	
Ano de escolaridade	1.º	2.º	3.º	4.º
Idade	6	7	8	9

Para cada item assinala com **X** a carinha que traduz o que pensas.

	 Confortável	 Mais ou menos confortável	 Indiferente	 Pouco confortável	 Desconfortável
O que achas da tua escola?					
Como foram os teus resultados escolares, no último ano?					




Inquérito por questionário – Parte II

Para cada atividade referida no quadro seguinte, assinala o termo da escala que melhor traduz a frequência com que o praticas.

	1 Nunca pratico	2 Raramente pratico	3 Pratico às vezes	4 Pratico muito	5 Pratico sempre
Praticar desporto					
Ouvir música					
Jogar no PC ou Tablet					
Ir ao cinema					
Ler					
Ver televisão					

Inquérito por questionário – Parte III

Assinala com **X** a figura que melhor descreve a tua zona de residência.

		
Urbano	Suburbano	Rural

Escreve o número de:

quartos e salas que tem a tua casa.	
pessoas que vivem na tua casa, incluindo tu.	

Escreve o nome da profissão dos teus pais.

Profissão da Mãe	
Profissão do Pai	

Inquérito por questionário – Parte IV

Escreve o significado que atribuis a cada uma das seguintes expressões:

Educação Sexual:

Sexualidade:

Igualdade Sexual:

Orientação Sexual:

Comportamento Sexual:

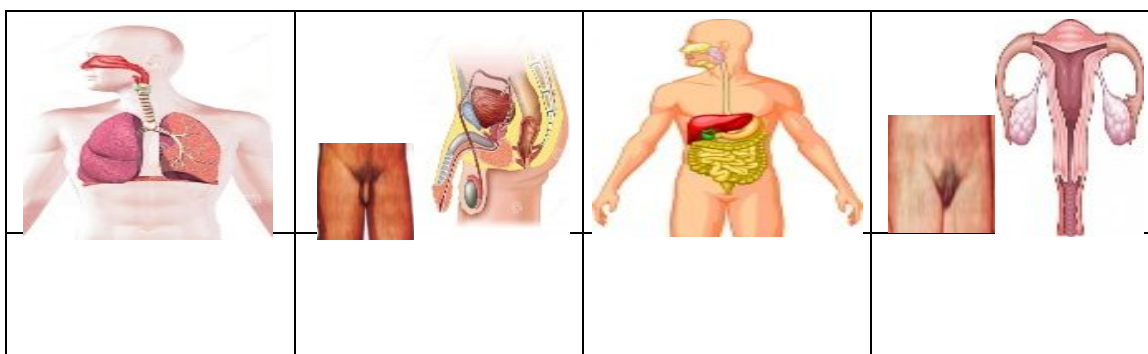
Abuso Sexual:

Inquérito por questionário – Parte V

Indica três exemplos de mudanças que pensas que vão acontecer no teu corpo, por volta dos 12 anos.

Indica três exemplos de alterações, que te lembres, que aconteceram no teu corpo, desde que tinhas 5 anos até à tua idade atual.

Assinala com **X** a(s) imagem(ens) que consideras que corresponde(m) a sistema(s) responsável (eis) pela reprodução no ser humano.



Escreve o nome de órgãos que pensas que são órgãos reprodutores humanos.

Escreve o significado que atribuis à expressão “doença sexualmente transmissível”.

Dá um exemplo de uma medida que, na tua opinião, permite evitar que uma pessoa tenha uma doença sexualmente transmissível.


Para a situação descrita em 1.1., assinala com **X** no quadro corresponde à “carinha” que melhor traduz o que pensas e sentes acerca da mesma.

“A Cláudia gosta muito de brincar com carros de corrida, já o Samuel prefere brincar às bonecas.”

 Confortável	 Mais ou menos confortável	 Indiferente	 Pouco confortável	 Desconfortável

Explica a tua resposta.

Para cada item assinala com **X** no quadro corresponde à “carinha” que melhor traduz o que pensas e sentes acerca da situação descrita.

	 Confortável	 Mais ou menos confortável	 Indiferente	 Pouco confortável	 Desconfortável
A Mariana namora com a Joana.					
O Miguel é casado com o Luís.					
A Marta namora com o João.					

Explica a tua resposta.

Para cada item assinala com **X** no quadro corresponde à “carinha” que melhor traduz o que pensas e sentes acerca da situação descrita.

	 Confortável	 Mais ou menos confortável	 Indiferente	 Pouco confortável	 Desconfortável
O XPTO está apaixonado por alguém do mesmo sexo que ele.					
O XPTO está apaixonado por alguém do sexo oposto ao seu.					

Justifica a tua resposta.






Para cada item assinala com **X** no quadro corresponde à “carinha” que melhor traduz o que pensas e sentes acerca das situações descritas.

	 Confortável	 Mais ou menos confortável	 Indiferente	 Pouco confortável	 Desconfortável
Conversar com os teus pais sobre a sexualidade.					
Conversar com os teus colegas sobre a sexualidade.					
Conversar com o teu professor sobre a sexualidade.					

Justifica a tua resposta.

Para a situação descrita assinala com **X** no quadro corresponde à “carinha” que melhor traduz o que pensas e sentes acerca da mesma.

“A Cláudia gosta muito de brincar com carros de corrida, já o Samuel prefere brincar às bonecas.”

 Confortável	 Mais ou menos confortável	 Indiferente	 Pouco confortável	 Desconfortável

Justifica a tua resposta.

Assinala com **X**, na lista que se segue, três aspetos que pensas estarem associados à sexualidade.

Respeito – Tratar o outro com consideração e justiça.	
Prazer – Estado de satisfação.	
Fidelidade – Qualidade daquele que é leal ao outro.	
Amor – Sentimento de afeição por uma pessoa ou alguma coisa.	
Beleza – Qualidade daquele que é formoso, lindo, agradável.	
Autoestima – Ato de gostar de si próprio.	
Liberdade – Agir livremente, respeitando sempre o espaço do outro.	